



ACADEMIA MILITAR

A Contribuição da Força de *Gendarmerie* Europeia na Formação da Polícia Afegã

Autor: Aspirante GNR-Inf Orlando Carlos Meirinhos Rodrigues

**Orientador: Tenente Coronel de Infantaria Nuno Lemos Pires
Coorientador: Capitão GNR Infantaria Reinaldo Saraiva Hermenegildo**

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, 2 de agosto de 2013



ACADEMIA MILITAR

A Contribuição da Força de *Gendarmerie* Europeia na Formação da Polícia Afegã

**Autor: Aspirante GNR-Infantaria Orlando Carlos Meirinhos
Rodrigues**

**Orientador: Tenente Coronel de Infantaria Nuno Lemos Pires
Coorientador: Capitão GNR Infantaria Reinaldo Saraiva Hermenegildo**

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, 2 de agosto de 2013

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha namorada

Ana Isabel Vaz Seca

Agradecimentos

Em primeiro lugar ao meu orientador Tenente Coronel Lemos Pires e ao meu coorientador Capitão Hermenegildo.

Quero agradecer aos meus camaradas que me ajudaram ao longo destes 5 anos de estudo na Academia Militar. Particularmente, agradeço aos camaradas Edgar Fernandes, Nélon Cruz e Daniel Matos pela ajuda na elaboração deste trabalho.

Agradeço também ao Alferes GNR Bruno Rodrigues pela bibliografia que me enviou.

De forma especial agradeço aos comandantes dos 4 contingentes e que cumpriram a missão da GNR no Afeganistão: Tenente Coronel Marcelino, Tenente Coronel Monteiro, Tenente Coronel Almeida, Tenente Coronel Crasto e ao Major Quadrado, 2º comandante do 3º contingente e instrutor SWAT. Obrigado a todos pelas entrevistas que me concederam e pelo conhecimento que me transmitiram.

Agradeço também ao Coronel Esteves pela entrevista que me concedeu e pelos conhecimentos que me transmitiu.

Um muito obrigado ao Coronel Alves e à Capitã Quinta da DPERI – GNR, por toda a documentação que me disponibilizaram.

Para finalizar, agradeço com muito carinho à minha namorada Ana Isabel pelo apoio e pela motivação que me deu ao longo da elaboração deste trabalho.

Resumo

Este Trabalho de Investigação Aplicada enquadra-se no âmbito da História e Relações Internacionais e está subordinado ao tema, “A contribuição da Força de *Gendarmerie* Europeia na Formação da Polícia Afegã”.

O objetivo da realização desta investigação é analisar a missão da EGF e mais especificamente da GNR, no Teatro de Operações do Afeganistão. Concretamente pretende-se saber qual o impacto da formação e da mentoria na formação da Polícia Afegã.

A tarefa de dar formação e mentoria à Polícia Afegã foi um desafio colocado pelas Nações Unidas e pela NATO. Em 2009 os países membros da EGF tomaram a decisão de participar na missão da NTM-A com vista a dar resposta às necessidades de formação que a Polícia Afegã apresentava.

A EGF projetou para o Afeganistão uma força que deu formação inicial policial e mentoria nos centros de treino afegãos bem como lançou POMLTs para vários pontos do país com o objetivo de treinar monitorizar e mentorar a Polícia Afegã. Participou também em atividades a nível de Estado Maior, no âmbito do desenho e preparação dos programas de instrução da Polícia Afegã.

Ao longo deste trabalho sustentou-se a importância da mentoria, dada por militares profissionais de uma força policial europeia, a uma força de segurança afegã, caracterizada pela falta de formação e graves deficiências estruturais.

A primeira parte do trabalho é fundamentalmente teórica e comporta uma pesquisa bibliográfica e reflexões de alguns autores sobre o tema do presente trabalho. A segunda parte é essencialmente prática, caracterizada pela realização de entrevistas, pesquisa documental e conclusões.

Da investigação efetuada poder-se-á afirmar que a mentoria teve um papel fundamental na orientação e enquadramento da formação dada pelos instrutores afegãos aos seus alunos. O trabalho rigoroso e responsável em termos de mentoria, quando aceite pelos afegãos, mudou a atitude, a postura e o comportamento de instrutores e instruendos. Serviu para os capacitar em termos de planeamento e condução da

instrução bem como de operações policiais. É de referir ainda que o trabalho levado a cabo pela EUROGENDFOR e pela Guarda no Afeganistão tem por base a disciplina, o profissionalismo, o rigor, o enquadramento o grau de preparação e a ambivalência de atuação que caracteriza as forças de segurança de natureza militar.

Como principais conclusões poder-se-á referir que a mentoria é mais importante para a formação do que o treino. A mentoria enquadra o treino, orienta e corrige o instrutor de forma a concretizar os objetivos da formação e obter melhores resultados. Deste estudo pode ainda concluir-se que as forças de segurança de natureza militar estão bem preparadas para dar formação policial num ambiente de insurgência, com todos os desafios e perigos que este acarreta.

Palavras-chave: EGF. GNR. Polícia Afegã. Mentoria. Insurgência.

Abstract

This Applied Research Work is in the scope of History and International Relations. The subject is "The contribution of European Gendarmerie Force on Afghan Police' Training."

The objective is to analyze the EGF mission and more specifically the GNR, in the Theater of Operations of Afghanistan. Specifically we want to understand training and mentoring in the Afghan Police's training.

The task of training and mentoring the Afghan Police was a challenge launched by the United Nations and NATO. In 2009 the of EGF member countries, have decided to participate in the NTM- A mission in order to fill the needs of Afghan Police training.

EGF deployed a force to Afghanistan that gave initial police training and mentoring in the Afghan training centers and engaged POMLTs in various parts of the country in order to monitoring, training and mentoring the Afghan Police. EGF's staff, also participated in Head Quarter's activities, designing and preparing the Afghan Police's instruction programs.

Throughout this paper we argued the importance of mentoring, given by professional military of a European police force, to an Afghan security force, the latter characterized by lack of training and serious structural lacks.

The first part of the work is mainly theoretical, based in literature' research and selected author's reflections. The second part is essentially practical, based in interviews and documentary research.

Verifying the results of this investigation, it may be argued that mentoring played an important role in guiding and framing the training given by Afghan instructors to their students. The rigorous and responsible work in terms of mentoring, when accepted by the Afghans, changed the attitude and behavior of instructors and trainees.

Mentoring played an important role in the training, and in planning and conducting instruction and policing operations. The work carried out by EUROGENDFOR and GNR in Afghanistan was based on discipline, professionalism,

rigor and framing. The high standard of preparedness and ambivalence of performance also characterizes the security forces with a military status.

The main conclusion of this paper, is that mentoring is more important for the formation than the training. Mentoring fits the training, guides and corrects the instructor in order to achieve the training objectives and getting better results.

With this study it can also be concluded that military status security forces are well prepared to train police in insurgent environment, with all the challenges and dangers that this entails.

Keywords: EGF. GNR. Afghan Police. Mentoring. Insurgency.

Índice Geral

Dedicatória.....	II
Agradecimentos	III
Resumo	IV
Índice Geral.....	VIII
Índice de Tabelas	XII
Índice de Quadros	XIII
Índice de Figuras	XIV
Índice de Apêndices e Anexos.....	XV
Lista de Abreviaturas	XVI
Lista de Siglas	XVII
Epígrafe.....	XIX

Capítulo 1- Introdução.....	1
1.1. Enquadramento e contextualização da investigação	1
1.2. Importância da investigação e justificação da escolha	3
1.3. Metodologia	4
1.4. Delimitação do objeto de estudo.....	5
1.5. Enunciado da estrutura do trabalho.....	5
1.6. Pergunta de partida e perguntas derivadas.....	6
1.7. Hipóteses.....	6

Parte I -Enquadramento teórico 8

Capítulo 2 - Enquadramento teórico e concetual 8

2.1. Introdução:	8
2.2. História do Afeganistão	8
2.3. História da Polícia Afegã desde a sua fundação até á invasão de 2001	10
2.4. O período pós invasão (2001- 2003).....	12
2.5. O treino da Polícia Afegã no período (2003- 2009)	14

Capítulo 3 - A intervenção da EGF no Afeganistão 16

3.1. Introdução	16
3.2. <i>European Gendarmerie Force</i>	16
3.3. Missão da EGF na NTM-A.....	18
3.4. A missão da GNR no Afeganistão	19
3.5. O programa de treino da GNR à ANCOP	20

Capítulo 4 -A sustentabilidade do treino e da formação dados à Polícia Afegã 23

4.1. Introdução	23
4.2. A sustentabilidade da Polícia Afegã	23

Parte II - Investigação de campo 26

Capítulo 5 - Metodologia da investigação de campo 26

5.1. Método de investigação	26
5.2. Procedimentos e técnicas	26
5.2.1. Entrevistas	27
5.2.2. Análise documental	28

Capítulo 6 - Apresentação, Análise e Discussão dos resultados..... 29

6.1. Análise dos resultados das entrevistas efetuadas aos Comandantes dos Contingentes da Guarda	29
6.1.1. Apresentação e Análise das respostas à pergunta nº1	29
6.1.2. Apresentação e Análise das respostas à pergunta nº2:	30
6.1.3. Apresentação e Análise das respostas à pergunta nº3:	31
6.1.4. Apresentação e Análise das respostas à pergunta nº4:	33
6.1.5. Apresentação e Análise das respostas à pergunta nº5:	34
6.1.6. Apresentação e Análise das respostas à pergunta nº6:	35
6.1.7. Apresentação e Análise das respostas à pergunta nº7	37
6.1.8. Apresentação e Análise das respostas à pergunta nº8:	38
6.1.9. Apresentação e Análise das respostas à pergunta nº9	39
6.1.10. Apresentação e Análise das respostas à pergunta nº10	41
6.1.11. Apresentação e Análise das respostas à pergunta nº11:	42
6.2. Análise documental.....	43
6.2.1. Fatores que levaram a EGF a participar na NTM-A	43
6.2.2. As principais carências da Polícia Afegã no início da missão da EGF.....	44
6.2.3. O papel da EGF no âmbito da formação dos futuros polícias afegãos	44
6.2.4. O contributo da EGF para a profissionalização da Polícia Afegã.....	45
6.2.5. Balanço da participação da EGF na NTM-A	47
6.3 Discussão de Resultados	48

Capítulo 7 - Conclusões e recomendações..... 49

7.1. Verificação de hipóteses	49
7.2. Reflexões finais e recomendações	52
7.3. Limitações da investigação	55
7.4. Propostas de investigações futuras.....	55

Referências bibliográficas	56
----------------------------------	----

Sinopse.....	2
--------------	---

Apêndice B	7
------------------	---

Guião de Entrevista Coronel Esteves ex-comandante da EGF	7
--	---

Apêndice C	8
Guião de Entrevista aos Comandantes de Contingente da GNR na Missão da NTM-A:	8
Anexo A.....	1
Entrevista ao Coronel Esteves	1
Anexo B	3
Entrevista ao Tenente-Coronel Marcelino	3
Anexo C	8
Entrevista ao Tenente-Coronel Monteiro.....	8
Anexo D.....	12
Entrevista ao Tenente-Coronel Almeida.....	12
Anexo E	17
Entrevista ao Major Quadrado.....	17
Anexo F	20
Entrevista ao Tenente Coronel Crasto	20
Anexo G.....	24
Representação da EGF no Afeganistão.....	24

Índice de Tabelas

Tabela n.º 1: Evolução da Força da EGF no Afeganistão	46
Tabela n.º 2: Evolução da ANCOP e da AUP de 2009 a 2013	46
Tabela n.º 3: Distribuição das POMLTs / PATs da EGF no Afeganistão	47
Tabela n.º 4: Distribuição da Força da EGF no Afeganistão em Fevereiro de 2012.....	48

Índice de Quadros

Quadro n.º 1: Relação dos entrevistados	28
Quadro n.º 2: Sinopse da questão n.º1	30
Quadro n.º 3: Sinopse da questão n.º2	31
Quadro n.º 4: Sinopse da questão n.º3	32
Quadro n.º 5: Sinopse da questão n.º4	34
Quadro n.º 6: Sinopse da questão n.º5	35
Quadro n.º 7: Sinopse da questão n.º6	36
Quadro n.º 8: Sinopse da questão n.º7	38
Quadro n.º 9: Sinopse da questão n.º8	39
Quadro n.º 10: Sinopse da questão n.º9	40
Quadro n.º 11: Sinopse da questão n.º10	41
Quadro n.º 12: Sinopse da questão n.º11	42

Apêndices

Quadro n.º 13: Sinopse da resposta à pergunta n.º1	2
Quadro n.º 14: Sinopse da resposta à pergunta n.º2	2
Quadro n.º 15: Sinopse da resposta à pergunta n.º3	2
Quadro n.º 16: Sinopse da resposta à pergunta n.º4	3
Quadro n.º 17: Sinopse da resposta à pergunta n.º5	3
Quadro n.º 18: Sinopse da resposta à pergunta n.º6	4
Quadro n.º 19: Sinopse da resposta à pergunta n.º7	4
Quadro n.º 20: Sinopse da resposta à pergunta n.º8	4
Quadro n.º 21: Sinopse da resposta à pergunta n.º9	5
Quadro n.º 22: Sinopse da resposta à pergunta n.º10	5
Quadro n.º 23: Sinopse da resposta à pergunta n.º11	6

Índice de Figuras

Anexos

Figura n.º 1: Representação da EGF no Afeganistão	24
---	----

Índice de Apêndices e Anexos

Apêndice A	Sinopse
Apêndice B	Guião da Entrevista ao Coronel Esteves
Apêndice C	Guião da Entrevista aos comandantes de contingente da GNR
Anexo A	Entrevista ao Coronel Esteves
Anexo B	Entrevista ao Tenente Coronel Marcelino
Anexo C	Entrevista ao Tenente Coronel Monteiro
Anexo D	Entrevista ao Tenente Coronel Almeida
Anexo E	Entrevista ao Major Quadrado
Anexo F	Entrevista ao Tenente Coronel Crasto
Anexo G	Mapa da representação da EGF no Afeganistão

Lista de Abreviaturas

a.C –Antes de Cristo

Asp.- Aspirante

al.- Alínea

cit -Citado

d.C- Depois de Cristo

e.g.- Exemplo gracia

H - Hipótese

Inf - Infantaria

N.º Número

Nep - Normas de execução permanente

P - Pergunta

p.- Página

Lista de Siglas

ABP	<i>Afghan Border Police</i>
ACG-PTG	<i>Assistant Commanding General – Police Training Group</i>
AE	Alta Entidade
AM	Academia Militar
ANCOP	<i>Afghan Nacional Civil Order Police</i>
ANP	<i>Afghan Nacional Polie</i>
ANSF	<i>Afghan Nacinal Security Forces</i>
AUP	<i>Afghan Uniform Police</i>
CIAN	Comité Internacional de Alto Nivel
CNPA	<i>Counter Narcotics Police of Afghanistan</i>
CSNU	Conselho de Segurança das Nações Unidas
CSTC-A	<i>Combined Security Transition Command – Afghanistan</i>
DE	Direção de Ensino
DPERI	Divisão de Planeamento Estratégico e Relações Internacionais
EGF	<i>European Gendarmerie Force</i>
EM	Estado Maior
EUPOL	<i>European Police</i>
FPRI	<i>Foreign Policy Research Institute</i>
GNR	Guarda Nacional Republicana
HQ	<i>Head Quarters</i>
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IED	<i>Improvised Explosive Divice</i>
ISAF	<i>International Security Assistance Force</i>

NATO	<i>North Atlantic Treaty Organization</i>
NPTC	<i>National Police Training Centre</i>
NTM-A	<i>NATO Training Mission in Afghanistan</i>
OCD	Órgãos de Comando e Direção
OSCE	Organização para a Segurança e Cooperação na Europa
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PATs	<i>Police Advising Teams</i>
PIB	Produto Interno Bruto
POMLTs	<i>Police Operational Mentoring and Liaison Teams</i>
RUSI	<i>Royal United Services Institute</i>
SSR	<i>Security Sector Reform</i>
STX	<i>Situation Training Exercises</i>
SWAT	<i>Special Weapons and Tactics</i>
TIA	Trabalho de Investigação Aplicada
TT	Todo Terreno
TTPs	Técnicas Táticas e Procedimentos
UE	União Europeia

Epígrafe

“Cada sociedade segrega um sistema de valores, e esse sistema resulta de uma experiência histórica participada pelos homens, em resultado dos conflitos entre indivíduos, grupos, partidos”

(Max Weber)

Capítulo 1

Introdução

1.1. Enquadramento e contextualização da investigação

O presente Trabalho de Investigação Aplicada (TIA) constitui o Relatório Científico Final e surge com a adoção por parte da Academia Militar (AM) do Processo de Bolonha. A realização do TIA tem como fim último, a conclusão do Mestrado Integrado em Ciências Militares, na especialidade de Segurança.

A realização TIA tem como principais objetivos, dotar os alunos de capacidades de investigação na área das ciências sociais, bem como o seu desenvolvimento intelectual.

Para além da sua componente avaliativa, essencial ao sucesso do aluno para a obtenção do desejado grau de Mestre, pretende-se que este trabalho seja também uma mais-valia para a Guarda Nacional Republicana (GNR) e possa ser aproveitado por esta força de segurança a fim de esta servir cada vez melhor em Portugal e no estrangeiro onde cumpre missões enquadrada em Organizações Internacionais.

Ciente da importância das missões internacionais realizadas pela Guarda, o presente trabalho vai incidir sobre o contributo da Força de *Gendarmerie* Europeia (EGF) na formação da Polícia Afegã

Na sequência dos acontecimentos do 11 de Setembro em Nova Iorque, a Organização das Nações Unidas, no âmbito do combate ao terrorismo, aprovou a Resolução 1386 do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) no dia 20 de Dezembro de 2001 que estabelecia a *International Security Assistance Force* (ISAF) – Força Internacional de Apoio à Segurança do Afeganistão (GNR, 2012).

De acordo com a resolução supra citada, à ISAF competia apoiar a manutenção da segurança na capital do país, Cabul e nas áreas envolventes de forma a permitir às organizações governamentais e não-governamentais, o empenho em tarefas de reconstrução e apoio humanitário (GNR, 2012).

Em agosto de 2003, a *North Atlantic Treaty Organization* (NATO), a pedido das Autoridades afegãs e da Organização das Nações Unidas (ONU), assumiu o comando da ISAF, cujo mandato se estendeu a todo o território do Afeganistão (GNR,2012).

A Resolução 1943 do CSNU, de 13 de Outubro de 2009, é estendido o mandato da ISAF por mais 12 meses, até 13 de Outubro de 2011. É de realçar a importância de aumentar as responsabilidades a autoridade e o profissionalismo das Autoridades afegãs e o incentivo à ISAF para aplicar recursos para treinar e habilitar as Forças afegãs afim destas garantirem em todo o território, o Estado de Direito (GNR, 2012).

De acordo com a estratégia de retirada da NATO, prevista para 2014, é fundamental a evolução consistente e sistemática das forças de segurança afegãs com a finalidade de ser estabelecido no país uma segurança duradoura (GNR, 2012).

Com o finalidade de promover a transferência de responsabilidades de segurança interna para as autoridades afegãs, e dotar as Forças de Segurança afegãs de capacidades de serem elas mesmas a garantirem o cumprimento da missão segurança dentro das fronteiras do país, foram criados centros de formação a fim de preparar e formar as forças supra citadas (GNR, 2012).

A missão da GNR no Teatro de Operações do Afeganistão, surge no âmbito de um pedido efetuado pelo Presidente dos Estados Unidos da América, no decorrer da Cimeira da NATO em Novembro de 2010 em Lisboa (GNR, 2012).

No dia 19 de Novembro, foi anunciado o reforço de formadores nacionais na missão da *NATO Training Mission-Afghanistan* (NTM-A). Deste reforço fazem parte 15 militares da GNR (GNR, 2012).

No dia 02 de Dezembro de 2010, a GNR anunciou formalmente a sua possível participação na NTM-A, na reunião do Comité Internacional de Alto Nível (CIAN) da EGF realizada em Roma (GNR,2012).

No dia 16 de Dezembro em *Vicenza*, Itália, realizou-se uma reunião de coordenação entre o Quartel-Geral Permanente da EGF e as forças de *Gendarmerie* que participaram na formação da *Afghan National Civil Order Police* (ANCOP), a futura *Gendarmerie* Afegã (GNR, 2012).

O primeiro Contingente da GNR iniciou a sua missão em março de 2011 e terminou em outubro do mesmo ano (GNR, 2012).

O segundo Contingente iniciou a sua missão em outubro de 2011 e terminou em abril de 2012 (GNR, 2013).

O terceiro contingente iniciou em abril de 2012 e terminou em outubro do mesmo ano (GNR, 2012).

A GNR projetou 15 formadores para *National Police Training Centre* (NPTC de *Wardak*) com o objetivo de integrar o corpo de 89 formadores liderados pela *Gendarmerie Nationale* francesa, juntando-se os 40 colaboradores desta Força aos 22 militares da *Gendarmerie* romena e 10 formadores da Polícia Militar da República Checa e, desta forma, contribuir para a concretização do objetivo da NTM-A de transformar *Wardak* no principal centro de treino da Polícia Afegã (GNR, 2011).

Nesta missão, o contingente da GNR ficou integrado no Comando militar nacional e sob coordenação funcional da EGF (GNR, 2011).

A GNR projetou, no total 60 militares, divididos pelos quatro contingentes supra citados. Cada contingente era composto por 2 oficiais, 12 sargentos e 1 guarda, que integraram o quadro de formadores da EGF. O quarto contingente da GNR foi o último a cumprir missão no Afeganistão. Foi uma missão apenas de 5 meses. Iniciou a sua missão em outubro de 2012 e terminou em março de 2013, data que coincidiu com a transferência de responsabilidades para as autoridades afegãs.

A GNR esteve presente em *Wardak* desde o primeiro dia da criação deste centro de treinos, tendo participado em várias ações de formação, mentoria e aconselhamento à Polícia Afegã ao longo de 2 anos (GNR, 2013).

1.2. Importância da investigação e justificação da escolha

A EGF e a Guarda participaram pela primeira vez numa missão internacional enquadradas na NATO. A investigação desta parceria poderá vir a ser de relevada importância porque pode abrir portas a futuras cooperações entre as duas organizações internacionais.

A missão levada a cabo pela EGF, no Teatro de Operações do Afeganistão, ajudando este país na formação e desenvolvimento da sua polícia, se bem-sucedida poderá vir a ter repercussões positivas na segurança afegã.

A missão da EGF, conjuntamente com as restantes forças da NATO, presentes no Afeganistão poderá vir a ser decisiva na estabilidade e segurança do país, na região da Ásia Central e consequentemente na segurança internacional.

Tendo a Guarda finalizado a sua participação na missão no Teatro de Operações do Afeganistão no passado mês de março de 2013, é de relevada importância a escolha

deste tema para o presente TIA devido à sua atualidade e à necessidade de fazer o balanço dessa mesma participação.

A Polícia Nacional Afegã debate-se com um conjunto de problemas, relacionados com a corrupção dos seus operacionais, prática da criminalidade e falta de formação e de profissionalismo. Devido a estes fatores, torna-se imperativo investigar que conhecimentos e valores foram transmitidos pelos profissionais da EGF aos seus congéneres afegãos no sentido de alterar alguns aspetos menos positivos da Polícia Afegã que afetam a sua missão. Em virtude disto é de relevada importância investigar o contributo dado pela EGF à formação das forças policiais do Afeganistão.

1.3. Metodologia

A estrutura do presente trabalho foi concebida, tendo por base a metodologia científica proposta pelo regulamento da AM para a redação de trabalhos, na Norma de Execução Permanente (NEP) nº 520/DE/ de junho de 2011. A escrita deste trabalho encontra-se de acordo com as normas do novo acordo ortográfico.

Para a realização deste trabalho foram consultadas diversas fontes, porém foi sempre tida em conta a qualidade das mesmas. Assim foram consultados relatórios publicados na internet por instituições internacionais, livros, relatórios institucionais bem como sítios na internet com informação relacionada com o tema deste TIA.

Na investigação de campo, foi efetuada recolha de dados provenientes de relatórios mensais e trimestrais da EGF no Afeganistão¹ e realizadas entrevistas com o objetivo de complementar as informações recolhidas.

Com o objetivo de tornar este trabalho o mais perceptível, dividiu-se o mesmo em três partes fundamentais:

A primeira parte é essencialmente teórica e consiste na recolha e análise crítica de bibliografia; a segunda parte consiste na análise das entrevistas efetuadas a oficiais superiores da Guarda, que estiveram envolvidos na missão da EGF no Afeganistão e conclusões onde são validadas as hipóteses e são as respostas à pergunta de partida e derivadas.

¹ Estes relatórios estão disponíveis na DPERI da GNR. A sua consulta depende da autorização do Chefe DPERI. Não foi autorizado a sua utilização como anexos deste TIA.

1.4. Delimitação do objeto de estudo

Este trabalho escrito vai-se focar no contributo que as forças da EGF e em particular a GNR, deram à Polícia Afegã no campo da formação e treino. Desta forma será abordado o tema da mentoria e a importância que esta teve para os instrutores e para os formandos, os futuros polícias afegãos.

Será feita uma abordagem às vantagens e inconvenientes de ser a EGF, uma força policial de natureza militar, a dar formação num ambiente de insurgência.

Este trabalho tem, de forma particular, o objetivo de salientar o contributo dado pelos militares da GNR no treino e mentoria da ANCOP.

1.5. Enunciado da estrutura do trabalho

Este trabalho está dividido, em duas partes diferentes. A parte teórica e prática. A estrutura formal respeita e encontra-se de acordo com a estrutura utilizada nos trabalhos de investigação científica, tendo para o efeito sido seguidas as orientações facultadas pela Academia Militar (Academia Militar, 2011).

A parte teórica é a primeira parte do trabalho e dela fazem parte os capítulos 2, 3 e 4.

O capítulo 2 narra a História da Polícia Afegã. O capítulo 3 descreve a intervenção da EGF no Afeganistão e o capítulo 4 faz uma prestação da sustentabilidade da Polícia Afegã.

A segunda parte do trabalho contempla a parte prática, composta pelos capítulos 5, 6 e 7, onde é exposto e analisado o trabalho de campo. Sendo, o capítulo 5 reservado para a metodologia utilizada na recolha de dados, o capítulo 6 destinado à análise desses dados e o capítulo 7 compreende as conclusões do presente trabalho.

1.6. Pergunta de partida e perguntas derivadas

No sentido de dar resposta aos objetivos a que este trabalho se propõe, foi necessário estabelecer uma pergunta de partida. E esta foi formulada do seguinte modo:

Qual o contributo da EGF na formação da Polícia Afegã?

Para balizar o conteúdo da resposta à pergunta de partida, estabeleceram-se três perguntas derivadas:

- 1) Que importância teve a mentoria dada pelos formadores da EGF à Polícia Afegã?
- 2) Qual a influência da natureza militar da Força da EGF na formação da Polícia Afegã?
- 3) Qual o contributo dado pelos militares do contingente da GNR na formação da ANCOP?

1.7. Hipóteses

Para dar uma orientação à investigação durante a realização deste trabalho, foram formuladas hipóteses.

Segundo (Quivy e Campenhoudt, 2008 p.137) estas são proposições provisórias, que deverão ser verificadas e preveem a relação entre dois conceitos ou fenómenos.

Para a pergunta derivada nº1 foram formuladas as seguintes hipóteses:

H 1): A mentoria foi útil para a formação da Polícia Afegã.

H 2): Comprovou-se que o treino foi mais importante que a mentoria.

H 3): As diferenças culturais entre mentores e mentorados impediram uma mentoria eficaz

Para a pergunta derivada nº2 foram formuladas as seguintes hipóteses:

H 4) A natureza militar dos elementos da EGF influenciou positivamente a formação da Polícia Afegã.

H 5) O facto dos instrutores da EGF serem militares não beneficiou a formação da Polícia Afegã.

H 6) A instrução da Polícia Afegã beneficiava com instrutores civis.

Para a pergunta derivada nº3 foram formuladas as seguintes hipóteses:

H 7) O contributo dos militares da GNR permitiu uma formação adequada aos problemas que a ANCOP se irá defrontar na prática.

H 8) A formação dada pelos militares da GNR, contribuiu para a profissionalização da ANCOP.

H 9) O contributo dos militares da GNR trouxe valor acrescentado à formação da ANCOP

Parte I -Enquadramento teórico

Capítulo 2 Enquadramento teórico e concetual

2.1. Introdução:

Ao longo deste capítulo será feita uma narrativa da história do Afeganistão, bem como da Polícia Afegã desde as suas origens até ao início da missão da EGF, em dezembro de 2009. Serão descritos os factos mais relevantes do passado desta força bem como as causas e as consequências dos problemas que a mesma passou e levaram à intervenção da comunidade internacional.

2.2. História do Afeganistão

A República Islâmica do Afeganistão fica situada na Ásia Central, faz fronteira com seis países: com o Irão a Oeste, com o Paquistão a Sul e a Este, com a China a Este e com o Turquemenistão, o Uzbequistão e o Tajiquistão a Norte. Ocupa uma área de 647,5 quilómetros quadrados. No ano de 2008 estimava-se que a população do Afeganistão fosse aproximadamente 32 700 000 habitantes. Mais de 70 por cento da população vive em meios rurais (Library of Congress, 2008). Deste modo, a sua posição geográfica tornou este país num lugar onde passaram e se instalaram vários povos, culturas emigrações (Pires, 2011)

Os arqueólogos sugerem mesmo que o homem habita no Afeganistão há pelo menos 50 000 anos. As comunidades agrícolas que ocuparam o norte do país estão entre as mais antigas do mundo (Shroder, 2009). Á posterior, designadamente em tempos pré-históricos, integrava uma região denominada de Ariana, fazendo ainda parte do Império Persa até às invasões levadas pelos gregos comandados por Alexandre o Grande cerca do ano 329 a.C. (Pires, 2011)

Por volta do século I a.C., os Kush, um povo da Ásia Central, controlaram a Ariana e o budismo tornou-se a religião dominante entre os Séculos III e VIII d.C. As

ruínas de mosteiros e estátuas desses tempos ainda permanecem. Posteriormente, no século VII, os exércitos Árabes trouxeram para o Afeganistão o Islamismo, por via deste facto, na atualidade, a quase totalidade da população é Muçulmana, 80 % são Sunitas e os restantes *Chiitas*. Mais tarde, no século XIX, o território afegão foi palco de combates entre forças afegãs e o Império Britânico e deste com o Império Russo no chamado “Grande Jogo” pelo domínio daquela região. A última guerra Anglo Afegã sucedeu em 1919 e dela resultou o tratado de independência do país (Shroder, 2009).

O Afeganistão é um estado independente desde 19 de Agosto de 1919 (Library of Congress, 2008) que se manteve neutro nas duas guerras mundiais. Durante a Guerra Fria, o país teve uma maior aproximação com a União Soviética. Em 1964, o Afeganistão passou a ser uma monarquia constitucional (Pires, 2011)

Em 25 de dezembro de 1979, após uma revolta armada dos rebeldes tradicionalistas e líderes étnicos contra o governo, as forças armadas russas invadem o Afeganistão. Durante a ocupação, a oposição às forças governamentais e aos invasores era feita pelos guerreiros muçulmanos sagrados, os *Mujahidins*, apoiados em dinheiro e armas pelos Estados Unidos, Arábia Saudita, Irão e China. As consequências da guerra foram devastadoras. Estimativas dos combates apontam para um número entre os 700 000 e 1 300 000 de mortos e 3 000 000 refugiados. A retirada soviética ficou concluída em fevereiro de 1989. A guerra civil continuou, opondo as forças governamentais aos rebeldes (Shroder, 2009).

Terminada a retirada das tropas soviéticas, seguem-se as lutas entre as fações *mujahedins*, em 1992 o país entra em guerra civil, os talibã assumem o poder mas ficavam isolados a nível internacional (Pires, 2011)

Tendo os talibã o controlo quase total do país, só uma pequena parte do território a Norte era ocupado pela Aliança do Norte, instalou-se no Afeganistão uma organização denominada *Al-Qaeda*, que em português significa: “a Base”, que coordena e interliga grupos terroristas fundamentalistas islâmicos de todo o mundo, liderada até 2011 por Bin Laden, um resistente ativo à ocupação soviética durante os anos 80 (Shroder, 2009). Em 9 de setembro de 2001, bombistas suicidas pró taliban assassinam o líder militar da Aliança do Norte, Massoud. Dois dias depois, terroristas suicidas ligados à Al-Qaeda executam nos Estados Unidos os atentados do 11 de setembro (Shroder, 2009).

Na sequência do 11 de setembro, os taliban foram destituídos do poder por ação da Aliança do Norte, apoiados fundamentalmente pelos Estados Unidos (Pires, 2011).

A 5 de dezembro é assinado pelo Secretário-Geral da ONU, Kofi Annan e representantes afegãos, entre os quais o Hamid Karsay, futuro chefe da Autoridade Interina e atual chefe de Estado afegão, o Acordo de Bona. Dos aspetos mais importantes deste acordo destacam-se os seguintes: que fosse estabelecida no país uma Autoridade Interina através da transferência de poder no dia 22 de Dezembro de 2001. Esta Autoridade seria responsável pela soberania do Afeganistão durante um período, no máximo de dois anos, até que um governo representativo possa ser eleito em eleições livres e justas. Este acordo previa também que o Afeganistão redigisse uma nova constituição. Das previsões finais deste Acordo destaca-se que os *Mujahidins*, as forças armadas, do Afeganistão e todos os grupos armados deveriam ficar sob o comando e controlo da Autoridade Interina a fim de formarem as novas forças armadas e de segurança do país. A Autoridade Interina deveria cooperar com a Comunidade Internacional no combate ao terrorismo, crime organizado e drogas (United Nations, 2001).

Hamid Karzay, um líder de etnia *pasthun*, foi o escolhido para liderar este governo. Karzay foi eleito nas eleições de 2004 e é o atual presidente da República Islâmica do Afeganistão. Administrativamente, o Afeganistão está dividido em 6 regiões, 34 províncias e 365 distritos (GNR, 2011).

2.3. História da Polícia Afegã desde a sua fundação até á invasão de 2001

A história da Polícia Afegã, à semelhança das suas congéneres de outros Estados, é indissociável da história da nação da qual faz parte. Em virtude disto, todos os factos políticos que alteraram a história do Afeganistão tiveram influência na história da Polícia Afegã. Ao longo da sua história, a nação nunca desfrutou de um período em que tivesse uma força policial civil nacional capacitada para o cumprimento das tarefas de segurança (Project 2049, 2011).

A história recente do Afeganistão, marcada por conflitos e guerra civil, afetou profundamente a Polícia Afegã. A polícia profissional dos anos 60 e 70, em que o Afeganistão era uma monarquia constitucional, foi extinta, quase na sua totalidade entre 1980 e 2003. Durante esse período, a segurança estava a cargo de líderes locais e milícias (Eupol, 2012).

Existem provas, que a primeira força policial do Afeganistão foi criada com o estabelecimento do estado moderno, na dinastia de Durrani em pleno século XVII, entre 1747 e 1826 (Eupol, 2012).

Segundo testemunhos de alguns afegãos, o primeiro centro de treino policial foi estabelecido em Cabul no ano de 1935, ano em que a Alemanha desenvolveu no Afeganistão a “*gendarme and police school*” (Eupol, 2012). No entanto, durante a 2ª Guerra Mundial esta escola foi apoiada pela Turquia. Em 1946, a Alemanha voltou a enviar formadores para o Afeganistão e no reinado de Zahir Shah no ano de 1964, foi estabelecida a Academia de Polícia, que ainda hoje se mantém (Eupol, 2012).

Alguns anos mais tarde dá-se no Afeganistão uma alteração de regime político, em 1978, o Partido Democrático Popular, de ideologia comunista, tomou conta do poder. No ano seguinte, o Afeganistão já era controlado por grupos armados, apoiados por várias potências estrangeiras; Estados Unidos, Paquistão e a União Soviética (Eupol, 2012).

Durante o período compreendido entre 1979 e 1989, o modelo de polícia afegã era baseada no modelo soviético. Compreendia oficiais de carreira e oficiais a curto prazo. A polícia era composta por conscritos que cumpriam dois anos de serviço e formavam uma força semelhante às unidades de infantaria ligeira. Uma das suas missões era combater os *mujahidins*. Para além de combater grupos armados, confrontavam-se também com os serviços secretos russos (Perito, 2009).

No período que se seguiu à invasão russa, a polícia era uma força semelhante às forças armadas. Em meados dos anos 80 contava com 200 mil homens. Era uma força armada de contrainsurgência que rivalizava com o exército (Project 2049, 2011). No entanto, e com a retirada dos russos e o início da guerra civil entre 1992 e 1996, gera-se no país um vazio de poder, dado que os *mujahidins*, nunca formaram uma força policial (Norman, 2012). Após estes acontecimentos, a polícia e outras instituições governamentais deixam de existir (Project 2049, 2011).

A partir de 1996 até finais de 2001, os talibã estabeleceram o Departamento para a Promoção da Virtude e Prevenção do Vício (Eupol, 2012)

No que respeita a forças de segurança, desenvolveram um modelo de polícia extremista Islâmica, a “Polícia do Vício e Virtude”. Segundo Norman (2012) os taliban não possuíam uma força policial. Da criação do departamento supra referido, resultaram

violações dos direitos humanos, cometidos sobretudo contra as mulheres e pessoas que não pertenciam à etnia maioritária no país, os *pasthun* (Project 2049, 2011).

Por todo o Afeganistão, formaram-se forças de segurança, leais aos seus chefes tribais, senhores da guerra e comandantes locais. Estas milícias trabalhavam para os interesses do seu grupo. Roubavam, batiam e matavam os membros de outros grupos (Norman, 2012).

2.4. O período pós invasão (2001- 2003)

“Entre 1978 e 2001, o Afeganistão experienciou uma série de conflitos e mudanças de regime. Durante este período, a violência armada matou aproximadamente dois milhões de cidadãos. Estes anos de violência devastaram as infraestruturas físicas e sociais do país, destruíram a produção agrícola e interromperam a educação de uma geração inteira de afegãos” (UNODC, 2012).

Em dezembro de 2001, no término da guerra, que opôs a Aliança do Norte, apoiada pelas forças da Coligação, aos Talibans, entrou em funções um governo interino, chefiado por Hamid Karzay, que pelo Acordo de Bona, assumiu, entre outras, a responsabilidade de garantir segurança aos cidadãos (Project 2049, 2011).

Aquando da assinatura do tratado supracitado, permaneciam na Polícia alguns oficiais profissionais, remanescentes do período soviético mas sem treino e experiência adequada à nova realidade (Perito, 2009).

Nesse ano, havia, cerca e 50 000 homens a trabalhar como polícias. Esta força sem treino, mal equipada, predatória e analfabeta (70-90 %), eram fiéis aos senhores da guerra e comandantes locais em vez de servirem governo e o povo afegão. Foram estas milícias que em 2002 tomaram conta do Afeganistão porque nem o acordo de Bona nem a Resolução 1386 do CSNU providenciaram um treino efetivo para a polícia ou uma missão de Polícia das Nações Unidas.

Muitos destes polícias eram ex *mujahidins* sem preparação policial. E.g., na província de Helmand, o comandante da polícia de 2002 a 2006, Abdul Jan, operava mais vezes como “senhor da guerra” do que nas funções de comandante de polícia. Destruía os campos de papoila dos rivais, aceitava subornos e integrou nas fileiras da polícia antigos comandantes *mujahidins*, que eram odiados pela população. De acordo

com a opinião de um residente nesta província, o povo tinha mais medo dos polícias do que de outra pessoa qualquer (Norman, 2012).

Na mesma linha de pensamento, em 2007 o General O'Brien afirmava, que em algumas partes do Afeganistão que os polícias eram os corruptos e os ladrões do povo (RUSI, FPRI, 2011)

Comportamentos como estes, em nada contribuem para o sentimento de segurança das populações, apenas poderá criar sentimentos de revolta nas mesmas, “porque os homens esquecem mais facilmente a morte do pai do que a perda do seu património” (Maquiavel, 2010).

A comunidade internacional, consciente destes problemas, tomou iniciativas no sentido de inverter a tendência de descrédito da Polícia Afegã. Nesta sequência, “Na sequência da tentativa talibã de destruir o futuro do Afeganistão, a comunidade internacional iniciou o processo de inversão da devastação de décadas de guerra” (Caldwell, 2011).

O atual Afeganistão caminha para um país soberano, constituindo esta uma das prioridades da Comunidade Internacional (Caldwell, 2011). Sendo que esta soberania baseia-se essencialmente no poder que, por sua vez, se encontra materializado nas suas forças armadas e de segurança mas também na sua legitimidade face ao povo.

Debruçando-nos sobre o conceito de soberania, esta ideia, entendida como supremacia absoluta, algo superior ao homem, tem evoluído ao longo da História. De acordo, Maquiavel, o Príncipe apenas estava limitado pela sua própria vontade, o soberano era absoluto, não estando limitado por nenhuma lei positiva. Segundo Hobbes, o povo é o soberano que vai transformar a lei positiva num instrumento de poder. Para Rousseau a soberania é investida num Governo pelo povo e o Governo exerce o poder em nome do povo. A expressão soberania tem origem na idade média, exprimia a situação em que o senhor feudal não devia homenagem a outro, mas os outros deviam homenagem a este. No século XIV, Bodin definiu a soberania como um poder sem igual na ordem interna e sem superior na ordem externa. (Moreira, 1984 p.23)

As forças de segurança afegãs (exército e polícia nacional e local) contam com 350 000 efetivos, que estendem a soberania do estado à maior parte do território afegão (Almendra, 2012).

A soberania do Afeganistão tem uma importância determinante para o próprio país e para a estabilização da região da Ásia Central. É necessário garanti-la,

nomeadamente através da defesa das suas fronteiras. Esta atividade inicia-se no interior do país desde as cidades mais populosas até às aldeias mais inóspitas (Monteiro, 2012).

Para assegurar esta soberania é necessário que o país tenha uma polícia competente. A *Afghan National Police* (ANP) inclui uma *Afghan Uniform Police* (AUP), que está responsável pelo policiamento geral, e quatro polícias especializadas: a ANCOP, Polícia de Fronteira, *Counter Narcotics Police of Afghanistan* (CNPA) (Perito, 2009). Devido à falta de formação e treino destas forças, em Fevereiro de 2002, a Alemanha voluntariou-se para liderar o processo de supervisão e apoio à reforma do setor da polícia. O objetivo alemão era criar uma força de polícia etnicamente equilibrada, respeitadora dos direitos humanos e pronta para operar numa sociedade democrática. Este projeto estava baseado no modelo europeu. Em Agosto foi reaberta a Academia de Polícia de Cabul com 1500 cadetes a fim de frequentarem um curso de 5 anos e foram formados 500 sargentos num curso de 3 meses (Project 2049, 2011). No entanto o treino dado pelos alemães era inapropriado para o Afeganistão (Perito, 2009). Uma das principais lacunas da formação, foi a não reabilitação do Ministério do Interior. (Project 2049, 2011)

Consequentemente em maio de 2003, com a abertura do centro de treinos em Cabul, três americanos e seis instrutores de outras nacionalidades, deram um curso baseado num modelo utilizado anteriormente no Kosovo. O curso era de oito semanas para instrutores treinados e cinco semanas para instrutores analfabetos, os polícias que estavam ao serviço tiveram um curso de 15 dias. Na realidade 70% dos instrutores eram analfabetos e a maioria deles apenas teve 15 dias de formação. Resumindo, apenas houve aposta na formação do pessoal e não na construção de uma capacidade institucional que garantisse um apoio efetivo ao treino da ANP (Perito, 2009).

2.5. O treino da Polícia Afegã no período (2003- 2009)

A transferência de liderança da Alemanha para os Estados Unidos no âmbito da formação da ANP, permitiu desde logo o incremento do número de polícias afegãos a receberem treino, totalizando um total de 71 147 em Julho de 2007. Apesar da quantidade de polícias formados, a qualidade dos mesmos continuava a ser muito baixa. Devido ao facto de 70% dos recrutas da ANP não saberem ler nem escrever, inibia-os

de absorver informação, aprender técnicas básicas de policiamento, tais como a recolha de declarações de testemunhas, escrever relatórios de acidentes (Perito, 2009)

O pouco tempo de permanência nos centros de treino não permitia aos formandos aprender, através do contacto com os instrutores, a efetuarem um policiamento que verdadeiramente servisse os interesses do povo. A acrescentar a tudo isto, os instruendos ficavam horas seguidas a ouvir instrutores americanos e tradutores mal preparados, desconhecedores da terminologia policial. Esta formação pecou porque a teoria, supostamente aprendida nas aulas não foi posta em prática no terreno. Consequentemente, de pouco serviu esta formação. Os formandos regressaram às suas origens, cumprindo o seu dever como guardas estáticos ou às ordens de um chefe e sem formação policial (Perito, 2009).

A acrescentar aos problemas relacionados com o treino do pessoal, houve uma falta de acordo entre os programas dos Estados Unidos e a Alemanha acerca dos objetivos estratégicos e coordenação do programa internacional de assistência policial. A par desta descoordenação juntava-se a falta de liderança do Ministério do Interior do Afeganistão (Perito, 2009).

Em 2004, o governo afegão não conseguia projetar a polícia para fora da capital. Mesmo em Cabul a polícia deixava-se corromper devido à falta de pagamento do salário. Posteriormente, em 2005 a responsabilidade do treino passou para o *Combined Security Transition Command – Afghanistan*, (CSTC-A) que também era responsável pela formação do Exército Nacional Afegão (Project 2049)

Em 2006, na sequência das manifestações violentas em Cabul foi criada a ANCOP com formação em controlo de tumultos e operações táticas em zonas urbanas e posteriormente frequentavam um curso de *Special Weapons and Tactics* (SWAT). Seguidamente no ano de 2007 os Estados Unidos iniciaram um novo programa de instrução à Polícia Afegã. Este programa tinha como objetivo treinar as forças policiais afegãs de um determinado distrito como uma força única. Este novo tipo de treino contemplava tática militar, instrução de armamento, sobrevivência e operações de contra insurgência e técnica policial. A polícia recebeu novos uniformes e os salários foram aumentados (Perito, 2009).

No ano de 2009 teve início a missão da NTM-A que será analisada nos capítulos seguintes.

Capítulo 3

A intervenção da EGF no Afeganistão

3.1. Introdução

Neste capítulo vai ser abordado o emprego das forças tipo *gendarmerie* em missões no exterior e o emprego das mesmas em missões SSR (*Security Sector Reform*). Será feita uma abordagem à preparação da Guarda para a missão no Afeganistão bem como ao seu programa de treino e mentoria à ANCOP.

3.2. *European Gendarmerie Force*

As forças tipo *Gendarmerie* têm a sua origem nos finais do século XVIII, na França. Napoleão usava a *Gendarmerie Nationale* para estender a todo território francês a soberania do Estado e estabelecia com o povo o contrato social, a *Gendarmerie* recolhia os impostos e garantia a conscrição e em contrapartida protegia o povo contra os ladrões e os corruptos locais. Este modelo de forças foi imposto com a administração francesa durante a hegemonia napoleónica, e posteriormente adotado por alguns chefes e Estado europeus (Gobinet, 2007).

A EGF é uma organização internacional que foi fundada em 17 de Setembro de 2004. É uma iniciativa de cinco países da União Europeia, Portugal, Espanha, França, Itália e Holanda aos quais se juntou a Roménia em 2008. O objetivo desta iniciativa é a criação de uma força de polícia de natureza militar, capaz de operar em todo o espectro das funções de polícia num cenário de gestão de crise internacional. Pode ser considerada uma ferramenta integrada para o cumprimento de missões de polícia em diferentes teatros, inclusive, teatros destabilizados, dando apoio à União Europeia (UE), NATO, às Nações Unidas e à Organização para a Segurança e Cooperação na Europa. (OSCE) (European Gendarmerie Force, 2010 p.11).

A EGF é caracterizada como uma força operacional, pré organizada e rapidamente projetável (European Gendarmerie Force, 2010 p.11). Em operações de gestão da crise, as forças da EGF podem participar nas três fases da referida operação:

1) Na fase inicial está capacitada para chegar ao terreno com as forças militares a fim de executar tarefas de policiamento (European Gendarmerie Force, 2010 p.11).

2) Na fase de transição ou estabilização, pode continuar a sua missão em cooperação com as forças militares a fim de facilitar a coordenação e cooperação com as forças policiais locais ou internacionais (European Gendarmerie Force, 2010 p.11).

3) Na fase da retirada da força militar, a EGF poderá facilitar a transferência de responsabilidades para as autoridades civis. (Lalinde, 2005)

Dependendo do mandato de cada operação a EGF, pode executar várias tarefas relacionadas com a atividade policial, tais como:

- 1) Segurança e ordem pública;
- 2) Supervisão e aconselhamento das unidades de polícias locais nas suas atividades diárias;
- 3) Vigilância pública, controlo do tráfego e das fronteiras e informações;
- 4) Investigação criminal;
- 5) Proteção de pessoas e bens bem como manutenção de ordem pública em eventos;
- 6) Treino de agentes e instrutores de polícia (European Gendarmerie Force, 2010).

Em 2007, a EGF levou a cabo a sua primeira participação numa operação de gestão de crise. Esta missão ao serviço da UE, teve lugar na Bósnia-Herzegovina, denominada operação “ALTHEA” Seguiu-se, em 2009 a participação no Teatro de Operações do Afeganistão, integrada na ISAF e desde 2010 tem apoiado a missão das Nações Unidas no Haiti (MINUSTAH), após o sismo que abalou este país. (European Gendarmerie Force, 2010, p.11)

As forças tipo *Gendarmerie* no exterior, apresentam características próprias de uma unidade de polícia com treino e equipamento apropriado, com capacidade de autoproteção e aptas a operar em ambiente destabilizado. (European Gendarmerie Force, 2010). Podem atuar sob uma cadeia de comando militar e estão preparadas para assegurar a transição para a autoridade civil (European Gendarmerie Force, 2010)

O papel das forças tipo *Gendarmerie* em missões SSR consiste em dar treino, mentoria, monitorização, aconselhamento e fornecimento de equipamento. A EGF tem

uma larga experiência neste âmbito, e.g. Burundi, Guatemala, Angola, Iraque e Albânia. Este tipo de forças deverá ser a escolhida para missões SSR em vez de uma força policial de natureza civil, quando as condições de segurança do Teatro de Operações são mais perigosas (Weger, 2009).

3.3. Missão da *European Gendarmerie Force* na NTM-A

O Afeganistão representa um dos maiores desafios da comunidade internacional no âmbito da construção de um Estado. Apesar das indubitáveis boas intenções das Autoridades afegãs em garantir a estabilidade e sustentabilidade da nação, muito trabalho terá que ser feito. A ANP permanece corrupta e representa mais um perigo para a sociedade afegã. A construção de uma polícia competente e profissional é a chave para a guerra contra os *Talibans*. Na atualidade o trabalho dos polícias afegãos é dos mais perigosos do mundo (FPRI e RUSI, 2009).

Conhecedores dos problemas que a ANP atravessa e das consequências que esses problemas acarretam para a segurança e estabilidade daquela região e do mundo, os responsáveis máximos da EGF tomaram a decisão de participar na missão da NATO no Afeganistão.

As forças da EGF, estão integradas no comando NTM-A que, por sua vez, se encontra subordinada ao comando da ISAF. Esta missão, em apoio ao Governo afegão, conduz operações no seu território para reduzir a capacidade e a vontade da insurgência e apoia o crescimento das *Afghan National Security Forces* (ANSF) em capacidade e aptidão e proporciona um ambiente de segurança para uma estabilidade sustentável (NATO, 2013).

Os comandos subordinados da ISAF são o ISAF *JOINT COMMAND*, que tem por missão a condução de operações em áreas específicas a fim de neutralizar a insurgência e o supracitado NTM-A. A missão deste comando, em coordenação com as nações da NATO e seus parceiros, organizações internacionais, organizações não-governamentais, é apoiar o Governo afegão na criação e sustentabilidade das ANSF, desenvolvimento de líderes e estabelecer uma capacidade institucional permanente para permitir que no futuro seja o Estado afegão o responsável pela sua própria segurança (NATO, 2013).

De acordo com a estratégia de retirada da NATO do Afeganistão e transferência de responsabilidades para as autoridades afegãs, torna-se necessário haver uma evolução

sistemática e consistente das ANSF por forma a permitir ao governo um clima de segurança a longo prazo (Diretiva 02 / 11).

Em Outubro de 2009, o CIAN, o nível estratégico da EGF, decidiu empenhar esta organização no Afeganistão e contribuir para o desenvolvimento da ANP. A missão da EGF no Afeganistão iniciou-se oficialmente no dia 08 de dezembro de 2009 (EUROGENFOR, 2010)

A presença EGF no Afeganistão está inserida na matriz da ISAF. As suas principais tarefas são:

- 1) Enviar especialistas para a o Quartel General da NTM-A (NTM-A HQ);
- 2) Enviar mentores e conselheiros de treino para a ANP;
- 3) Fornecer *Police Operational Mentoring and Liaison Teams* (POMLTs);
- 4) Contribuir, antes da projeção das POMLTs, para o desenvolvimento de treino adaptado e standards para a ANP

3.4. A missão da GNR no Afeganistão

No dia 19 de Novembro de 2010, no âmbito da Cimeira da NATO, que teve lugar em Lisboa, a Presidência do Conselho de Ministros, através da Resolução 13 de 2011, anunciou que iria proceder-se a um reforço de formadores nacionais na missão da NATO no Teatro de Operações do Afeganistão, designadamente através da participação da Guarda. Esta participação realizou-se através da projeção de uma força para o NPTC de *Wardak* sob a orientação da EUROGENDFOR.

O Centro de Treinos de *Wardak* foi um projeto extremamente importante no quadro da capacitação das Forças de Segurança Afegãs por ser o maior Centro de Treino das forças Policiais Afegãs, sendo o único com carácter nacional. A ação da Guarda estava concentrada no apoio, aconselhamento e monitorização nas atividades desenvolvidas pelo *staff* e formadores afegãos (GNR, 2012).

O primeiro contingente esteve no Teatro de Operações (TO) desde março de 2011 a outubro do mesmo ano; o segundo esteve no TO de outubro de 2011 a Abril de 2012; o terceiro de abril de 2012 a outubro de 2012 e o quarto de outubro de 2012 a março de 2013 (GNR, 2012).

A GNR esteve presente no NPTC de *Wardak* desde que este começou a formar pessoal até à transferência total de responsabilidades para as Autoridades Afegãs em março de 2013 (GNR, 2012).

O Governo de Portugal fundamenta esta participação, referindo que constitui um dever do nosso país, no âmbito dos compromissos internacionais anteriormente assumidos, contribuir para a segurança internacional bem como ser solidário com o povo afegão. (Resolução nº13/2011 do Conselho de Ministros)

A missão da Guarda expressa na Diretiva 02 -11 do Comando Geral referia que:

“A Guarda Nacional Republicana planeia, apronta, projeta e sustenta um contingente constituído por uma equipa de 15 militares, para integrar a estrutura internacional do Centro de Treino da Polícia Nacional Afegã de *Wardak* (*National Police Training Centre – NPTC Wardak*), no Afeganistão, a fim de, no âmbito da NTM-A, fazendo parte do Contingente Nacional na ISAF e sob coordenação funcional da EGF, monitorizar e assessorar o funcionamento do Centro de Treino e as ações de formação destinadas à ANCOP, ministrando a instrução que se revelar necessária” (GNR, 2012).

3.5. O programa de treino da GNR à ANCOP

Até aos inícios da década de 90, as missões SSR, após um conflito, em estados frágeis ou estados que estiveram sob regimes ditatoriais era na maior parte das vezes atribuída às forças armadas. Nas últimas duas décadas esta tendência inverteu-se e estas tarefas passaram a ser levadas a cabo por forças policiais e raras vezes por militares e agências de informações (FPRI e RUSI, 2009).

No entanto, segundo Murray (cit., FPRI e RUSI, 2009) o alcance das soluções e capacidades das polícias no contexto de construção da paz, não é totalmente apreciado (FPRI e RUSI, 2009).

Coloca-se a questão, que tipo de força será a mais capacitada para levar a cabo as tarefas inerentes à reforma do setor de segurança de um determinado Estado?

A segurança é um dos fins do estado e as forças policiais têm um papel determinante na garantia da mesma.

Uma polícia disciplinada, democrática e profissional, garante a segurança da população e representa um símbolo de unidade nacional (FPRI e RUSI, 2009).

Até 2009, a ANP não atingiu os mínimos aceitáveis. Fraca, com baixa capacidade de combate ao crime, com pessoal ligado á criminalidade, corrupção e abusos de poder. Há relatórios que mencionam a natureza predatória da Polícia Afegã e a sua incapacidade de garantir a segurança dos cidadãos (FPRI e RUSI, 2009)

A GNR teve pela frente o grande desafio de inverter esta tendência de descalabro quase completo da Polícia Afegã. Servindo-se da sua mais-valia, o seu capital humano, reuniu uma força de 15 militares capazes de transmitir aos futuros polícias afegãos o melhor dos seus conhecimentos no âmbito da formação policial, tornando estes homens melhores profissionais da ANCOP e da ANP.

Devido ao facto de a EGF ser formada por forças de segurança de natureza militar, e a ANCOP ser uma força semelhante às forças tipo *Gendarmerie*, considera-se que os Gendarmes são a força mais capaz de dar treino à mesma (FPRI e RUSI, 2009)

A GNR tinha como principal tarefa dar mentoria aos instrutores afegãos da ANCOP. A instrução, em si, era dada pelos instrutores afegãos do NPTC. No final de cada instrução era feita uma crítica construtiva ao formador com vista a melhorar o seu desempenho em próximas instruções.

Definido o conceito de mentoria, este serve para acompanhar o treino, ou seja, enquadra-o, conseqüentemente, acrescenta uma supervisão valorizada e assistência ao treino da ANP (FPRI e RUSI, 2009)

Durante um período de seis meses de missão, os alunos da ANCOP receberam formação que incluía um variado leque de instruções. Foram-lhes ministradas instrução sobre controlo de tumultos e multidões, táticas terroristas e resposta policial, policiamento comunitário em ambiente terrorista, exercícios práticos de reação a emboscadas, reação a emboscadas com armas ligeiras, técnicas de entrevista, patrulhamento apeado avançado, patrulhamento de junção, treino básico para condutores, primeiros socorros, minas e engenhos explosivos, elaboração de relatórios e recolha de informação criminal. Foi também ministrado por instrutores da Guarda dois cursos de SWAT no NPTC ²

² As instruções em que os instrutores afegãos eram mentorados foram disponibilizadas, para este trabalho, numa pasta, pelo 1º Sar Inf Afonso da Escola da Guarda

Capítulo 4

A sustentabilidade do treino e da formação dados à Polícia Afegã

4.1. Introdução

A sustentabilidade das ANSF é um dos aspetos que levanta muitas dúvidas quando se fala da retirada das forças internacionais do Afeganistão. Pelo facto do país ser um dos mais pobres do mundo, as instituições governamentais, nomeadamente a polícia, poderão ter a tendência a se deixarem corromper.

O ambiente de insurgência vivido no Afeganistão, nomeadamente a ameaça dos talibã em nada facilita a tarefa das ANSF e representa assim um dos maiores desafios à soberania afegã.

4.2. A sustentabilidade da Polícia Afegã

Segundo o *United Nations Office on Drugs and Crime* (2012), o Afeganistão é atualmente um dos países menos desenvolvidos do mundo. O Produto Interno Bruto (PIB) do país em 2011 era de 18,7 biliões de Dólares, 16 % do PIB é proveniente do comércio de opiáceos. Estima-se que 36 por cento da população viva abaixo do limiar da pobreza, aproximadamente 9 000 000 de afegãos não tem acesso ao mínimo das necessidades básicas. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é considerado baixo: 0,374. O Afeganistão é o 175º classificado de um total de 186 países (PNUD, 2013).

A agricultura é a principal fonte de receitas do Afeganistão. O país possui também um dos maiores depósitos de cromo, sal e ferro. Tem também uma grande variedade de minerais tais como o ouro, prata e urânio. O gás natural é o hidrocarboneto mais abundante (Library of Congress, 2008).

A criação das Forças de Segurança Afegãs, com um efetivo de 350 000 homens, representa um enorme investimento por parte da comunidade internacional e do governo afegão. O retorno deste investimento pode não ser visível, mas existe a necessidade de sustentar esta “máquina” permanentemente (Almendra 2012).

As ANSF, tal como qualquer força de segurança, para se manterem operacionais, necessitam receber do Estado os respetivos apoios financeiros e logísticos. Perante esta inevitabilidade levanta-se a seguinte questão: Como irá o Governo da República Islâmica do Afeganistão garantir a operacionalidade das suas forças de segurança após a retirada das forças internacionais em 2014? À partida, esta parece tarefa particularmente difícil se não houver um apoio da Comunidade Internacional, desejosa de uma estabilidade duradoura naquela zona do globo (EGF, 2013).

Segundo o Diretor Nacional de Informações dos Estados Unidos, James R. Clapper, a economia afegã irá abrandar em 2014, quando as forças internacionais retirarem do país. Mas nem tudo são más notícias para o povo afegão, a insurgência, por parte dos talibã, diminuiu em algumas áreas do país, mas continua a ser um desafio aos Estados Unidos e aos objetivos internacionais (EGF, 2013).

Apesar de alguns avanços, as ANSF vão necessitar da ajuda internacional durante e para além do ano 2014 (EGF, 2013). A falta de recursos do país afeta a sociedade em geral, e a sua segurança em particular. Como consequência deste facto, o Afeganistão vê-se obrigado a importar grande parte dos bens e serviços necessários ao seu desenvolvimento e bem-estar. Para tal, terá que haver segurança, sendo que esta se financia com os dividendos desse desenvolvimento (EGF, 2013).

A menos de um ano das forças internacionais passarem as responsabilidades de segurança para as autoridades afegãs, é quase garantido que o apoio se irá manter às forças de segurança desta nação para que todo o investimento feito até à atualidade não seja desperdiçado em pouco tempo (EGF, 2013).

Parte II

Investigação de campo

Capítulo 5

Metodologia da investigação de campo

5.1. Método de investigação

A investigação iniciada com uma parte de cariz essencialmente teórico, pressupôs que, em complemento, seja também levado a cabo um trabalho de campo com o objetivo de verificar a veracidade dos conceitos expressos na primeira parte e as hipóteses formuladas na introdução bem como as perguntas de partida e suas derivadas.

É de elevada importância para esta investigação, a recolha de informação proveniente de entidades que estiveram em contacto direto com a realidade da formação da Polícia Afegã. O seu conhecimento e a sua experiência tornaram-se uma mais-valia imprescindível para concretizar os objetivos do presente trabalho.

5.2. Procedimentos e técnicas

Na realização deste trabalho optou-se por complementar a componente teórica com uma componente prática. Desta forma foram utilizados procedimentos e técnicas, de forma a obter essa ambicionada complementaridade. A recolha de informação proveniente de fontes, que são neste caso, os oficiais superiores que tiveram responsabilidades de comando no âmbito da formação da Polícia Afegã, acrescenta valor ao trabalho. Este trabalho requereu a utilização dos métodos mais adequados. As entrevistas foram úteis pois permitiram ao investigador recolher informação que não se

encontrava nas fontes bibliográficas e se tornava necessária para dar respostas às perguntas de investigação e verificar hipóteses.

Neste trabalho optou-se por realizar entrevistas porque “permitem ao investigador retirar informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados” (Quivy e Campenhoudt, 2008).

5.2.1. Entrevistas

Com o objetivo de seguir a metodologia inicialmente traçada, foi elaborado um estudo empírico que consistiu na realização de entrevistas junto do Ex comandante da EGF e de oficiais superiores que comandaram os contingentes da Guarda no TO do Afeganistão. Este contato direto com testemunhas privilegiadas permitiu aprofundar o conhecimento acerca da missão da GNR e da EGF naquele país.

As entrevistas efetuadas, em conjunto com os elementos recolhidos nas pesquisas bibliográficas realizadas e já apresentados na primeira parte deste trabalho, nos permitiram dar resposta à pergunta de partida e às questões derivadas.

Foram realizadas seis entrevistas presenciais a um grupo de Oficiais Superiores portugueses que tiveram funções de comando quer nos quatro contingentes da Guarda, quer na EGF.

Para facilitar a condução da entrevista, foi elaborado um guião de entrevista para os comandantes dos contingentes da GNR Afeganistão, composto por 11 perguntas e um guião composto por 5 perguntas ao antigo comandante da EGF.

A entrevista efetuada ao ex-comandante da EGF, foi analisada separadamente das restantes devido ao facto do guião ser propositadamente diferente.

Quadro n.º 1: Relação dos entrevistados

Entrevistado	Função	Posto	Nome
E1	Comandante EGF	Coronel	Esteves
E2	Comandante 1º Contingente	Tenente-Coronel	Marcelino
E3	Comandante 2º Contingente	Tenente-Coronel	Monteiro
E4	Comandante 3º Contingente	Tenente-Coronel	Almeida
E5	2º Comandante 3º Contingente	Major	Quadrado
E6	Comandante 4º Contingente	Tenente-Coronel	Crasto

5.2.2. Análise documental

Neste trabalho procedeu-se á recolha e análise de documentos que poderiam vir acrescentar valor a esta investigação. Segundo Quivy e Campenhoudt (2008) este método, tem numerosas vantagens, tais como a economia de tempo, e a valorização de material documental (Quivy e Campenhoudt, 2008, p.203). Tendo em conta que se efetuaram entrevistas, a recolha documental, teve como objetivo complementar a informação recolhida através das entrevistas, bem como reforçar as ideias dos entrevistados. A combinação de entrevistas aos Oficiais Superiores da Guarda que tiveram interferência direta e vivenciaram a formação da Polícia Afegã, com os relatórios da EGF, teve como objetivo enriquecer e reforçar a credibilidade do presente TIA.

Capítulo 6

Apresentação, Análise e Discussão dos resultados

6.1. Análise dos resultados das entrevistas efetuadas aos Comandantes dos Contingentes da Guarda

Neste capítulo foi efetuada uma análise às entrevistas e apresentados os resultados dessa mesma análise. Iniciou-se esta parte do trabalho, analisando, em primeiro lugar, as entrevistas efetuadas aos oficiais que comandaram os contingentes da Guarda no Afeganistão.

6.1.1. Apresentação e Análise das respostas à pergunta nº1

Como se prepararam os militares da GNR para dar Formação à ANCOP?

Esta pergunta teve como objetivo verificar se algum tipo de preparação específico, dado que a missão teve especificidades diferentes das outras já realizadas pela Guarda.

Partindo do princípio que uma preparação é essencial para ao sucesso da missão internacional, esta questão visava especificamente perceber a importância do aprontamento dos militares da GNR para efetuar uma missão relacionada com a formação de polícias num ambiente de insurgência.

As respostas dos entrevistados foram muito semelhantes, referindo que a tarefa dos militares da GNR não era dar formação, mas sim mentoria aos instrutores afegãos e na última missão, foi dada mentoria e *advising*.

O aprontamento teve uma componente militar e tática mas também uma componente pedagógica. A Guarda apenas deu formação a 2 Cursos SWAT (3º e 4º Contingente) e curso de Batalhão de Segurança (4º Contingente).

O E2 referiu que para além de se prepararem para dar mentoria aos formadores afegãos através da utilização de tradutores, o aprontamento incidia também sobre Técnicas, Tática e Procedimentos (TTPs) e tarefas críticas tendo em conta a ameaça.

O E3 referiu que para além da preparação militar, tática e pedagógica, houve um incremento da componente pedagógica através da introdução de *Situation Training Exercices* (STX), que preparavam o mentor para situações que poderia encontrar no terreno. Foi acautelado a aspeto linguístico, houve uma preparação física de adaptação à altitude e houve uma preparação do pessoal no âmbito das tecnologias relacionadas com a pedagogia, e.g. *e-learnig* e *power point*.

O E5 referiu, que para além da preparação militar necessária para uma missão deste tipo, num ambiente como o que é o do Afeganistão, o pessoal do 3º contingente teve ainda preparação a nível de condução Todo Terreno (TT) e 1ºs socorros em ambiente tático. O E6 referiu ainda que a preparação para dar mentoria teve uma componente conceptual e uma parte dinâmica com aulas simuladas.

Analizando as respostas dos entrevistados, poder-se-á referir que foi dada importância à preparação e aprontamento da força, fator determinante para se dar uma formação adequada à ANCOP.

Quadro n.º 2: Sinopse da questão n.º 1

Questão n.º1: Como se prepararam os militares da GNR para dar Formação à ANCOP?
A GNR preparou-se para dar formação e mentoria. Houve uma preparação a nível tático-militar, física, condução TT, preparação a nível pedagógico e preparação de TTPs tendo em conta a ameaça.

6.1.2. Apresentação e Análise das respostas à pergunta n.º2:

Considera que a formação dada à ANCOP é a mais adequada a uma força que vai operar num ambiente de insurgência?

O objetivo desta pergunta era aferir se os ensinamentos passados aos instrutores e instruendos afegãos estavam de acordo com a realidade de um país, sujeito a ações de

insurgência por parte de grupos armados. A resposta da maioria dos entrevistados foi afirmativa, referindo que a mentoria e a instrução dada pelos instrutores afegãos tinha em conta a realidade do país.

O E2 referiu, especificamente que a formação dada à ANCOP, que é uma força mais “musculada” de ordem pública de reserva, destinada a fazer face a incidentes mais graves, teve em especial atenção o ambiente de insurgência em que vai operar. Foram-lhe também ministradas TTPs de âmbito policial.

O E4 referiu que a formação dada foi a adequada dentro do possível mas que poderia ainda ser mais alargada e profissional.

O E5 referiu que para além da ANCOP, foi também dada formação à ABP, AUP e à ANP, dando especial ênfase às aulas de literacia porque os instruendos, mais de 80 por cento, não sabiam ler nem escrever. As instruções numa língua única, o *dhari*, serviu para melhorar os conhecimentos dos alunos, fomentarmos a tolerância e a abertura de espírito, no entanto o E6, referiu que é difícil concluir se a instrução era a mais adequada, mas que foi a mais adequada possível à realidade de insurgência e às características do Afeganistão.

Da análise efetuada às respostas da pergunta 2 poderá dizer-se que ainda é cedo para concluir se a formação era a mais adequada e que esta formação poderia englobar mais aspetos. No entanto foi feito um esforço para adequar a formação à realidade afegã.

Quadro n.º 3: Sinopse da questão n.º 2

Questão n.º2: Considera que a formação dada à ANCOP é a mais adequada a uma força que vai operar num ambiente de insurgência?
A resposta foi afirmativa. Teve em conta as características do Afeganistão. A ANCOP é uma força musculada que foi preparada para operar num ambiente de insurgência. A formação poderia ser mais alargada e profissional. Serviu para melhorar o conhecimento dos alunos.

6.1.3. Apresentação e Análise das respostas à pergunta n.º3:

Que tipo de polícia seria a mais ajustada ao Afeganistão? Polícia Militar, Polícia Civil ou um modelo dual?

O objetivo desta questão era perceber se o modelo de polícia existente no Afeganistão é o mais adequado à realidade do país e qual seria a opinião dos entrevistados relativamente ao modelo de polícia mais eficiente no país, de forma a cumprir todas as tarefas inerentes à missão das forças de segurança.

O E2, E3e o E6 referem que o modelo de polícia que mais se adequa ao Afeganistão é o modelo dual. Consideram que por um lado, é necessário uma polícia, mais preparada e melhor equipada, capaz de lidar com situações mais graves provocadas por atentados terroristas de grandes dimensões, tumultos, capaz de operar num ambiente de insurgência e de planear e executar operações e.g. rusgas buscas e proteção de Altas Entidades (AE). Por outro lado também afirmam ser necessário uma polícia de proximidade e contacto com o cidadão, tarefa que neste momento é desenvolvida pela ANP.

O E4 e o E5 referem que o modelo de polícia que mais se adapta à realidade do Afeganistão é uma polícia de estatuto militar (tipo *Gendarmerie*). Com um forte enquadramento, disciplina e de cariz militar.

O E5 refere que durante os próximos anos este modelo de polícia seria o mais ajustado, o problema é que os afegão não iriam fazer distinção entre a polícia e o exército.

É de referir que nenhum dos entrevistados defende que uma polícia civil única é a mais adequado ao Afeganistão.

Resumidamente, só o modelo dual ou a existência de uma força policial tipo *Gendarmerie* seria o mais adequado ao Afeganistão. Analisando as respostas, todos os entrevistados reconhecem que é necessário este tipo de força, consideram também necessário que qualquer que seja o modelo, a polícia efetue um contacto efetivo com a população.

Quadro n.º 4: Sinopse da questão n.º 3

Questão n.º3: Que tipo de polícia seria a mais ajustada ao Afeganistão? Polícia Militar, Polícia Civil ou um modelo dual?
A maioria dos entrevistados refere que o modelo mais ajustado é o Dual. É necessário uma polícia mais preparada para lidar com situações típicas de um ambiente de insurgência e capaz de planear e conduzir operações mas também é necessária uma polícia civil, mais vocacionada para policiamento de proximidade.

2 Entrevistados opinaram que o mais ajustado é uma só polícia tipo <i>Gendarmerie</i> .

6.1.4. Apresentação e Análise das respostas à pergunta nº4:

Nesta missão a aposta foi mais na quantidade de polícias formados ou na qualidade da formação?

O objetivo desta questão era saber se os responsáveis pela formação da Polícia Afegã, continuavam a apostar na quantidade ou se com a missão da EGF esta tendência se teria invertido.

Os entrevistados, exceto o E3, afirmaram que a aposta foi na quantidade, pois não cabia aos mentores decidir o número de polícias a formar. O papel dos mentores era fazer com que os instrutores afegãos ministrassem as instruções de acordo com o que era definido superiormente em Cabul. No fundo cabia aos mentores assegurar a qualidade da instrução sem poder interferir na eliminação dos que não tinham qualidade. A este propósito o E5, referiu que não lhe foi permitido eliminar 5 ou 6 elementos do curso de SWAT porque havia que apresentar um determinado número de elementos formados no final do referido curso. Na opinião do E5, foi uma má opção.

Segundo o E3, a aposta foi na qualidade pois o 2º contingente da Guarda, desenvolveu um Curso de Formação de Formadores, ações de formação de membros de STAFF e Estado-Maior (EM) e o desenvolvimento de um Plano Estratégico de Formação para o NPTC. O Plano Estratégico de Desenvolvimento de Competências Diferenciadas contempla 3 projetos:

Formação Complementar em informática, planeamento e formação de formadores; Comando e liderança, a nível de comando de pelotão e Objetos de Aprendizagem que tem como finalidade tornar as apresentações *power point* mais atrativas e ricas em conteúdos para os instruendos (Monteiro, 2012).

Apesar de a aposta ter sido na qualidade, em 7 meses foram formados mais de 2 500 alunos, entre os quais o primeiro curso de oficiais da ANCOP.

Segundo um estudo efetuado pela FPRI e pela RUSI em 2009, apostava-se muito na quantidade de polícias a formar, descurando a qualidade. Com a vinda da EGF para o Afeganistão esta tendência manteve-se. Apesar de não caber ao pessoal da EGF interferir na qualidade, foram levados a cabo esforços no sentido de introduzir a

qualidade exigida na formação de forma a fazer dos instruendos da Polícia Afegã melhores profissionais.

Quadro n.º 5: Sinopse da questão n.º 4

Questão n.º4: Nesta missão a aposta foi mais na quantidade de polícias formados ou na qualidade da formação?
A maioria dos entrevistados referiu que a aposta foi na quantidade, pois havia que apresentar no final um determinado número de polícias formados. Não cabia aos mentores definir a quantidade, apenas assegurar que os programas de instrução eram cumpridos. Um dos entrevistados referiu que a aposta foi na qualidade.

6.1.5. Apresentação e Análise das respostas à pergunta n.º5:

O facto dos instrutores da EGF serem militares, que vantagens e desvantagens trouxeram para a formação?

O objetivo desta questão visava saber se a aposta da comunidade internacional em atribuir à EGF a missão de formar polícias no Afeganistão, acarretava algum inconveniente.

Dado que todos os instrutores da EGF são militares, que deram formação e mentoria a vários tipos de polícia (ANCOP, ABP, AUP, ANP). Sabendo também que é necessário uma aproximação com a população através de uma polícia civil, pretendia-se saber se na opinião dos entrevistados, havia algum inconveniente no facto de serem instrutores de uma força policial de natureza militar a dar mentoria, mas também formação, às forças policiais supra referidas.

Segundo a opinião da unanimidade dos entrevistados não existem desvantagens no facto dos instrutores da EGF serem militares.

As vantagens de serem militares são variadas. Especificamente, os entrevistados apontam como vantagens, a disciplina deste tipo de força, o grau de preparação para um ambiente de insurgência, o facto de a linguagem ser a mesma das restantes forças militares presentes no terreno. Concretamente, o E2 referiu facto da Guarda ter dado mentoria à ANCOP, só trouxe vantagens pois esta força será a futura *Gendarmerie* do

Afeganistão. O E6 refere que o facto dos instrutores da GNR e da EGF serem militares acarreta uma vantagem para a Polícia Afegã que é a ambivalência de atuação.

Resumidamente, o facto dos instrutores da EGF serem militares, segundo a opinião dos entrevistados, só trouxe vantagens: disciplina, rigor, partilha da mesma linguagem com as outras forças no terreno, tanto instruendos como instrutores da Polícia Afegã e as restantes forças internacionais. Não há, no ponto de vista dos entrevistados, alguma desvantagem em serem militares.

As entrevistas confirmam a teoria, Os Gendarmes são as forças melhores preparadas para dar formação à ANCOP, melhor que uma polícia civil e melhor que os militares. Quanto às restantes Polícias, fica a dúvida: será que se fossem instrutores de uma polícia de natureza civil, a dar formação e a mentoria à ABP, AUP e ANP, estas ficariam com uma noção mais aprofundada de policiamento de proximidade.

Quadro n.º 6: Sinopse da questão n.º 5

Questão n.º5: O facto dos instrutores da EGF serem militares, que vantagens e desvantagens trouxeram para a formação?
Os entrevistados referiram que só há vantagens. Pois usam a mesma linguagem das outras forças no terreno, são forças caracterizadas pela disciplina, preparados para operar em ambiente de insurgência e possuem ambivalência de atuação. Não há desvantagens em serem militares.

6.1.6. Apresentação e Análise das respostas à pergunta n.º6:

No seu ponto de vista, serão capazes os instrutores afegãos dar continuidade ao trabalho desenvolvido pela EGF?

A finalidade desta questão, era saber a opinião dos entrevistados se o trabalho deles no Afeganistão não se irá desvanecer com o passar dos anos. Pretendia-se saber da qualidade dos instrutores afegãos e da capacidade destes em dar continuidade a um trabalho desenvolvido por profissionais de uma força policial europeia.

Todos os entrevistados responderam afirmativamente. No entanto alguns colocam reservas.

O E2 afirma que só alguns instrutores são capazes, pois são competentes, outros não possuem essas capacidades. O sucesso do trabalho dos instrutores afegãos irá depender da capacidade do pessoal do NPTC em manter e substituir os equipamentos.

O E3 refere que o sucesso deste trabalho vai verificar-se pois os instrutores afegãos frequentaram um Curso de Formação de Formadores, essencial em termos de pedagogia, possuem bons equipamentos e instalações. No entanto este sucesso vai depender da liderança.

O E4 refere como fator de sucesso a qualidade dos instrutores e acredita que o trabalho desenvolvido pela EGF vai dar bons resultados. O facto que poderá obstar ao sucesso será a distância que separa o NPTC de Cabul (80 km) e das famílias dos instrutores.

O E5 afirma que os afegãos são capazes de dar continuidade ao trabalho desenvolvido pela EGF, pois estes instrutores têm o *know how*, mas o grande problema, no seu ponto de vista, reside na capacidade de organização do pessoal do NPTC e.g elaborar e cumprir horários.

Em suma, os entrevistados acreditam que o seu trabalho dará bons frutos, no entanto colocam algumas reservas. Afirmando que nem todos conseguem cumprir porque não têm qualidade profissional, capacidade de se organizarem, efetuarem a manutenção dos equipamentos e instalações e a acrescentar a isto, a facto do NPTC se encontrar distante da capital.

Quadro n.º 7: Sinopse da questão nº 6

Questão nº6: No seu ponto de vista, serão capazes os instrutores afegãos dar continuidade ao trabalho desenvolvido pela EGF?
A resposta é afirmativa mas com reservas. Vai depender de cada instrutor, pois alguns têm qualidade outros não. Depende da capacidade de gestão dos equipamentos e da capacidade de se organizarem e cumprirem horários.

6.1.7. Apresentação e Análise das respostas à pergunta nº7

Que importância teve a mentoria?

A missão da EGF no Afeganistão tinha, entre outros, o objetivo de dar mentoria à polícia Afegã. Pretendia-se aferir o que foi feito pelas equipas da EGF em termos de mentoria e que importância esta teve para a formação da Polícia Afegã.

Os entrevistados sugerem que a mentoria foi fundamental para os instrutores afegãos, ajudando-os a perceber o que deviam e não deviam fazer, através de uma crítica construtiva feita pelo mentor da EGF no final de cada instrução.

Segundo a opinião do E2, a mentoria ajudou os instrutores afegãos a terem outra visão para a formação bem como os ajudou a melhor organizar e planear cursos. Ajudou a que as instruções fossem mais práticas, facto de relevada importância pois a maioria dos instruendos não sabia ler nem escrever. A estes factos o E3 referiu que a mentoria ajudou os Órgãos de Comando e Direção (OCD) a programar atividades de EM incluindo a formação. Permitiu também que os instrutores se sentissem motivados pelos resultados obtidos.

O E4 apontou como grande vantagem da mentoria, o facto dos mentores controlarem o cumprimento de horários por parte dos instrutores bem como a orientação que era dada a cada instrução. O E5 refere que a mentoria é importante quando é bem feita e os instrutores aceitam a crítica. Ultimamente, segundo a opinião do E5, a crítica efetuada pelo mentor era encarada pelo instrutor como um atestado de incompetências. Segundo a opinião do E6, a importância da mentoria prende-se com o facto do mentor mostrar ao instrutor que quando este procede de forma errada, se proceder de uma forma correta, há uma melhoria de resultados. Com o aproximar do final da missão, o quarto contingente, comandado pelo E6, por determinação da NTM-A, evoluiu do conceito de *mentoring* para *advising*, que consistia em aconselhar os instrutores afegãos. A presença dos mentores da EGF passou a ser mais esporádica. Esta evolução teve como finalidade, preparar os afegãos para ficarem sozinhos.

Resumidamente, os entrevistados, são da opinião que a mentoria foi importante para a formação da Polícia Afegã.

A opinião de quem esteve no terreno vai de encontro ao que teoria refere: que a mentoria acrescenta supervisão valorizada e assistência ao treino da ANP.

Quadro n.º 8: Sinopse da questão n.º 7

Questão n.º7: Que importância teve a mentoria?
Foi fundamental para os instrutores afegãos, ajudava-os a corrigir falhas. Ajudou as instruções a serem mais práticas. Ajudava os afegãos a organizar e planejar cursos. Foi útil aos OCD a programar atividades de EM, incluído a formação.

6.1.8. Apresentação e Análise das respostas à pergunta n.º8:

A história recente da Polícia Afegã está ligada ao crime e em particular à corrupção. Qual o papel dos formadores para inverter esta tendência?

Esta questão teve como objetivo averiguar as possíveis medidas tomadas pelos responsáveis pela formação da Polícia Afegã para combater a corrupção na Polícia Afegã.

Através da entrevista efetuada ao E2 ficou a saber-se que este assunto era abordado nas aulas de deontologia e que os mentores não tiveram um papel ativo no sentido de combater a corrupção na polícia. O E3 acrescentou que eram dadas mais horas de instrução relacionadas com deontologia que à prática de tiro.

O E4 referiu que o 3º contingente teve a oportunidade de, através da formação dada aos cursos de comandante de companhia e batalhão, ensinar aos instruendos que a conduta da polícia deverá ser isenta, imparcial, balizado pela lei e blindado pela ética e deontologia, por forma a garantir a confiança das pessoas e o respeito pelas mesmas. Referiu ainda que durante as instruções foi transmitido aos alunos que estes terão que ser um exemplo para os seus subordinados.

O E5 referiu que se fez o possível no sentido de desviar o pessoal do caminho da corrupção evitar ataques *green on blue*, perpetrados por instruendos contras as forças internacionais que se encontravam no Afeganistão a dar mentoria e formação.

O E6 quanto a este assunto, acrescentou que através da transmissão de conhecimentos, da presença e interação com os instrutores e instruendos da Polícia Afegã, se tentou inverter a tendência destes homens para a corrupção.

Resumidamente, quanto à temática da corrupção os entrevistados E2 e E3, não tiveram uma intervenção direta por forma a desincentivar os futuros polícias afegãos da prática da corrupção. Os restantes entrevistados referiram que através da transmissão de conhecimentos das forças internacionais presentes no NPTC, foi feito o possível para combater a corrupção dentro da Polícia Afegã. A corrupção é reconhecidamente um problema que teoricamente afeta a Polícia Afegã e está a ser combatido a nível da formação

Quadro n.º 9: Sinopse da questão nº 8

Questão nº8: A história recente da Polícia Afegã está ligada ao crime e em particular à corrupção. Qual o papel dos formadores para inverter esta tendência?
Os comandantes do 1º e 2º contingente referiram que esses assuntos eram abordados nas aulas de deontologia. Os comandantes do 3º e 4º contingente referiram que era através da transmissão de conhecimentos relacionados com a ética e regras de conduta que tentaram desviar o pessoal desse caminho.

6.1.9. Apresentação e Análise das respostas à pergunta nº9

Em que medida a missão da EGF contribuiu para o profissionalismo da ANP e em particular da ANCOP?

O objetivo desta questão era saber se a presença da GNR e da EGF serviu para aumentar os níveis de profissionalismo da Polícia Afegã, afetada por problemas de corrupção. Pretendia-se saber também que ações foram levadas a cabo pelas equipas da EGF, para tornar a ANP e em particular a ANCOP, forças mais profissionais.

Segundo o E2, o contributo da GNR e da EGF para o profissionalismo da ANP e da ANCOP foi através da experiência e dos métodos de instrução relacionados com a mentoria e os conhecimentos transmitidos pelas equipas de mentores.

O E3 acrescentou que a EGF construiu uma base sólida de conhecimentos que fez da ANCOP a polícia melhor treinada e mais eficaz no contexto afegão.

O E4 referiu ainda que as TTPs introduzidas no treino serviram para padronizar conhecimentos. Referiu ainda que nos cursos de comandantes de companhia e batalhão e curso SWAT, ministrado por instrutores do NPTC, foi introduzida uma grande componente operacional, incutidas responsabilidades de chefia. Os instruendos que frequentaram estes cursos ficaram melhor preparados para o planeamento e condução de missões. O E5 acrescentou que os horários para os instrutores e instruendos, por si elaborados, bem como a supervisão no seu cumprimento, contribuíram para que os instrutores comparecessem perante a sua classe e ministrar a instrução pré-determinada. Referiu ainda que até então não havia quaisquer horários e que os instrutores iam para as casernas descansar em vez de dar instrução.

O E6 referiu que a mentoria e mais tarde o *advising*, aliados a uma correta pedagogia contribuíram também para tornar a ANP e a ANCOP forças mais profissionais.

Teoricamente a falta de profissionalismo, juntamente com a corrupção, são males que afetam a Polícia Afegã. A GNR, conjuntamente com os restantes elementos da EGF no NPTC, contribuíram cada um com um leque de ensinamentos e iniciativas, que a serem bem aproveitadas no futuro pelos afegãos, poderão fazer da Polícia uma força mais profissional e mais capaz de cumprir a sua missão.

Quadro n.º 10: Sinopse da questão n.º 9

Questão n.º9: Em que medida a missão da EGF contribuiu para o profissionalismo da ANP e em particular da ANCOP?
A experiência, os métodos de instrução e a construção de uma base sólida de conhecimentos tornaram a ANCOP a força policial melhor preparada no Afeganistão. Tendo sido também ensinado aos alunos a efetuarem um correto planeamento e condução de operações
A elaboração de horários e a supervisão no seu cumprimento bem como uma mentoria e <i>advising</i>, aliados a uma correta pedagogia contribuíram também para a profissionalização da polícia.

6.1.10. Apresentação e Análise das respostas à pergunta nº10

Considera os polícias formados pela EGF, uma mais-valia para a segurança do Afeganistão?

Pretendia-se saber com esta questão se a EGF trouxe valor acrescentado à formação da Polícia Afegã e se os polícias formados durante a sua presença no TO do Afeganistão vão fazer a diferença no que diz respeito à segurança interna do país. A totalidade dos entrevistados considera que estes polícias formados pela EGF são uma mais-valia para a segurança do país.

O E2 justifica referindo que os ensinamentos passados aos instrutores afegãos, concretamente, o planeamento e execução de formação, irão transformar-se em mais-valia que os instrutores afegãos irão aplicar na formação. Uma sólida formação irá traduzir-se num bom desempenho dos polícias no terreno, contribuindo para uma segurança mais eficaz.

O E3 refere como exemplo dessa mais-valia o sucesso da ANCOP em abril de 2011 quando evitou um ataque por parte dos talibã a vários quartéis em Cabul.

O E4 acrescenta que o desenvolvimento da polícia levada a cabo pela EGF contribui para um Afeganistão mais seguro e próspero. O E5 refere que os conhecimentos por si transmitidos no curso de SWAT, fizeram dos instruendos que o frequentaram, polícias mais proficientes e profissionais.

Desta forma, os entrevistados garantiram que tudo foi feito para introduzir qualidade na instrução com o objetivo final, de tornar o Afeganistão mais seguro.

Quadro n.º 11: Sinopse da questão nº 10

Questão nº10: Considera os polícias formados pela EGF, uma mais-valia para a segurança do Afeganistão?
A resposta da totalidade dos entrevistados é afirmativa. A sólida formação de polícias traduz-se em mais-valia para a segurança interna e prosperidade afegã. Os cursos de SWAT tornaram os militares da ANCOP mais proficientes e profissionais.

6.1.11. Apresentação e Análise das respostas à pergunta nº11:

O que mudou na ANP e na segurança do país com a missão da EGF?

Esta pergunta esta relacionada com a anterior, tinha como objetivo saber se a missão da Guarda e da EGF já está a produzir resultados no terreno, como por exemplo, redução do número de atentados, redução da corrupção e se as tarefas da polícia eram cumpridas com mais profissionalismo.

Segundo as opiniões recolhidas, é difícil verificar as mudanças a nível de segurança interna, pois a missão acabou em abril. O E5 referiu que mudou a capacidade de organização no NPTC e que foram deixados os alicerces para que aquele centro funcione.

O E2 refere que aquilo que mais se destacava em termos de mudança era a postura e a atitude e comportamento dos instruendos no final da formação, que poderia refletir-se no desempenho das suas funções, quando ao serviço da ANCOP. O E3 acrescenta ainda que mudaram as competências adquiridas, mas que há ainda um longo caminho a percorrer pela Polícia Afegã até atingir *standards* compatíveis com os das outras polícias mais preparadas, de forma a defender os valores e direitos fundamentais tais como a liberdade e a segurança.

Nesta questão, os entrevistados, fizeram apenas referência ao trabalho já realizado e aos possíveis frutos que esse trabalho poderá produzir num futuro próximo.

Quadro n.º 12: Sinopse da questão n.º 11

Questão nº11: O que mudou na ANP e na segurança do país com a missão da EGF?
Ainda é cedo para verificar mudanças na segurança do país. No entanto mudou a postura a atitude e os comportamentos dos instruendos quando finalizavam os cursos. Mudaram também as competências adquiridas e a capacidade de organização

6.2. Análise documental

Neste subcapítulo fez-se uma análise de documentos relacionados diretamente com o tema deste trabalho. Estes foram recolhidos na Divisão de Planeamento Estratégico e Relações Internacionais (DPERI) da GNR, são Relatórios mensais e trimestrais da EGF, com informações oficiais sobre a missão desta força no Afeganistão.

Esta análise será relacionada com a parte teórica do trabalho, com os conteúdos das entrevistas analisadas no subcapítulo anterior, mas sobretudo com a entrevista efetuada ao Coronel Esteves (E1), ex-comandante da EGF.

6.2.1. Fatores que levaram a EGF a participar na NTM-A

A diretiva N° 28 de 2012, refere, que de acordo com a estratégia de saída da NATO do Afeganistão é fundamental uma evolução das ANSF de forma a permitir ao Governo Afegão estabelecer uma segurança duradoura (GNR, 2012).

O E1 refere, acrescentando, que houve uma solicitação da ONU e da NATO, pedindo a intervenção da EGF no treino da Polícia Afegã.

O novo Conceito Estratégico de Defesa Nacional, refere, a propósito dos fatores que levaram a EGF a participar na NTM-A que, “A questão que mais interessa à segurança dos Estados membros da NATO é a pacificação do Afeganistão e Paquistão” (Resolução do Conselho de Ministros 19/2013).

Segundo o E1, havia uma vontade dos países membros da EGF em integrar uma missão da NATO porque até então nunca tal tinha sucedido. A confirmação desta tese encontra-se no 6º Relatório da EGF *Commitment in Afghanistan* (2011), que refere no parágrafo 3, que os países na reunião do dia 9 e 10 de novembro no Quartel-Geral Permanente da EGF, declararam a sua intenção em participar na missão da EGF no Teatro de Operações do Afeganistão (EGF, 2011).

O E1 refere, que outro dos fatores que levaram a EGF a participar na NTM-A são ainda que as mais-valias que a EGF podia trazer à NATO no que respeita ao treino da Polícia Afegã. Esta reflexão corresponde, em parte, à teoria que apontam as forças tipo *Gendarmerie* como sendo as mais capazes de dar formação à ANCOP.

6.2.2. As principais carências da Polícia Afegã no início da missão da EGF

Segundo o Ex-comandante da EGF (E1), na Polícia Afegã não existia uma cultura de polícia. Os polícias não eram treinados nem selecionados, não tinham ideia do que era o serviço policial de acordo com os *standards* internacionais. Pois a polícia Afegã não tinha qualquer formação policial específica. No 6º Relatório da EGF *Commitment in Afghanistan* (2011) confirma a falta de técnicas e de liderança por parte dos instrutores afegãos. Devido a este facto, a EGF levou a cabo “Cursos de Qualificação de Instrutores” (EGF, 2011, p.25).

O mesmo relatório refere ainda que no Norte do Afeganistão os instrutores da EGF estão a treinar a Polícia como reagir a ataques *Improvised Explosive Device* (IED) e emboscada. O treino contempla também treino médico especial e treino de tiro. (EGF, 2011). O E1 acrescentou que para além de não terem qualquer tipo de treino de tiro, também não tinham treino físico, não existia qualquer código de ética. O equipamento era muito rudimentar, a corrupção era normal, pois a polícia recebia dinheiro das pessoas, servindo-se delas e abstendo-se de as servir. Resumidamente, apenas tinha o nome de “Polícia”.

6.2.3. O papel da EGF no âmbito da formação dos futuros polícias afegãos

Relativamente a este ponto o E1, referiu que a EGF deu formação inicial de polícias em 3 centros de treino no Afeganistão: *Mazar-e-Sharif*, *Adraskan*, e *Wardak*. No *Regional Training Centre* (RTC) de *Mazar-e-Sharif* prestaram serviço 26 militares da EGF (12 franceses, 10 espanhóis e 4 polacos).

Foi dada mentoria a cursos da ANCOP, da AUP, Cursos de Comandante de batalhão e de companhia. O único curso onde o pessoal da EGF trabalhou como instrutor foi no curso de SWAT da ANCOP. Este centro fechou em abril de 2012 (EGF, 2012)

No centro de treinos de *Adraskan*, levaram a cabo a missão da EGF 6 polacos e 60 *Carabinieri* italianos, que passou para 50 e posteriormente para 32 em setembro de 2012. Nesta data deu-se a transferência de responsabilidade para as autoridades afegãs e

a EGF terminou a sua missão neste centro. Foram dados vários cursos à ANCOP e à AUP.

No NPTC de *Wardak* estavam presentes em 2012, 102 instrutores (54 franceses, 15 portugueses, 12 checos 23 romenos e 4 americanos dos Estados Unidos). Foram dados vários cursos à ANCOP e à AUP, bem como o primeiro curso de comandante de batalhão e de companhia (EGF, 2012).

O E1 revelou que foi dado *on-job-training*. Os instrutores da EGF deslocavam-se aos postos da polícia no terreno para monitorizar a sua atividade.

Nesta entrevista o E1 afirmou que a EGF teve um papel de nível estratégico, preparando os programas de instrução da Polícia Afegã e colaboração a nível de EM no desenho da instrução da mesma. Segundo 11º relatório da EGF *Commitment in Afghanistan* (2012), o pessoal da EGF em funções no EM da NTM-A continua a desenvolver atividades no sentido de criar uma doutrina adaptada, educação e sistemas de treino capazes de dar apoio ao desenvolvimento profissional da ANP (EGF, 2012).

6.2.4. O contributo da EGF para a profissionalização da Polícia Afegã

Com o objetivo de profissionalizar a Polícia Afegã, o E1 referiu que os militares da EGF treinaram milhares de polícias no Afeganistão, tanto da ANCOP como da AUP. Ainda segundo a opinião do E1, A EGF teve um papel fundamental no treino da Polícia Afegã devido ao treino inicial dado pelos seus profissionais, subsequente monitorização e à qualidade dos programas de instrução desenvolvidos pela EGF. A qualidade dos peritos da EGF muito contribuiu para a profissionalização da Polícia Afegã. Este aspeto foi alvo de agradecimentos da cadeia de comando da NTM-A, testemunhando o apreço pela qualidade do trabalho da EGF.

O número de elementos da EGF presente no Afeganistão, foi evoluindo ao longo do tempo. A força aumentou ao longo da missão e tendo começado a diminuir com o aproximar da transferência de responsabilidades para as autoridades afegãs.

Tabela n.º 1: Evolução da Força da EGF no Afeganistão

	Dec 2009	Dec 2010	Mai 2011	Mai 12
Nº de elementos	196	356	411	369

O 6º relatório da EGF *Commitment in Afghanistan*, refere que o aumento do número de elementos da ANCOP treinados pela EGF é notável e tem sido alvo de reconhecimento por parte da NTM-A (EGF *Commitment in Afghanistan*, 2011, p.19).

Dados do relatório mensal do mês de outubro de 2011, referem que a ANCOP possuía uma força com 10 123 elementos e a AUP 66 677 elementos. O relatório do mês de abril de 2013 referia que a ANCOP no mês de março de 2013 passou a contar com 14 609 elementos e a AUP com 86 157 elementos. Neste mês a ANCOP estava a 93% da sua capacidade.

Tabela n.º 2: Evolução da ANCOP e da AUP de 2009 a 2013³

	2009	2013
ANCOP (nº de elementos)	5 400	14 609
AUP (nº de elementos)	62 300	86 157

O mesmo relatório refere que a liderança da EGF no que diz respeito à formação da ANCOP é realmente importante porque garante que esta força tenha formação policial capaz de desempenhar as suas tarefas a nível nacional (EGF, 2011).

Para além do trabalho desenvolvido nos centros de treino afegãos de *Masar-e-Sharif*, *Adraskan* e *Wardak*. A EGF teve no território afegão 11 *Police Operational Mentoring and Liaison Teams* (POMLTs) que com o aproximar do fim da missão passaram a *Police Advisory Teams* (PATs) que levavam a cabo as seguintes missões: mentoria e treino da ANP, mais concretamente a AUP a nível regional, provincial e distrital. O objetivo era capacitar a AUP a conduzir operações de contra insurgência no Afeganistão, efetuar policiamento com vista a promover a lei e a ordem. A nível regional a AUP foi monitorizada em atividades de gestão, patrulhamento e *check points*. A nível distrital, a AUP tem sido mentorada em missões de polícia, e.g. controlo de tráfego, patrulhamento apeado, contacto com a população e logística. Em 2011 a EGF

³ Dados da GNR e da EGF

tinha projetado no terreno 11 POMLTs: 5 francesas, 3 italianas, 2 espanholas e 1 turca (EGF *Commitment in Afghanistan*, 2011).

Em 2012, o 11º relatório da EGF *Commitment in Afghanistan*, referia que o dispositivo passou para 17 POMLTs/PATs. Destas, 16 mentoravam e monitorizavam a AUP a nível regional, provincial e distrital e 1 equipa a mentorar a ABP. Desta forma Estavam 6 equipas holandesas a Norte em *Konduz*. Em Cabul estava uma equipa turca e a nordeste da capital operavam 4 equipas francesas. A Itália projetou 3 equipas para o Oeste do país, 2 equipas para *Herat* e 1 para *Farah*. A Espanha tinha no terreno 3 equipas também a Oeste do Afeganistão, 2 em *Qual-e-Naw* e 1 em *Herat* a dar mentoria à ABP (EGF *Commitment in Afghanistan*, 2012).

Tabela n.º 3: Distribuição das POMLTs / PATs da EGF no Afeganistão

POMLT/PAT	Nível Regional	Nível provincial	Nível Distrital	ABP	TOTAL
FRANÇA		Kapisa	Nijrab Tagab Tora / Sarowbi		4
ITÁLIA	Herat	Herat Farah			3
HOLANDA				Konduz	6
ESPAÑA		Qual-e-Naw	Qual-e-Naw	Herat	
TURQUIA		Cabul			
EGF	1	5	10	1	17

6.2.5. Balanço da participação da EGF na NTM-A

Segundo a opinião do E1, o balanço da participação da EGF na NTM-A é positivo. Em primeiro lugar A EGF participou pela 1ª vez numa missão da NATO. Em segundo lugar, a EGF provou que pode participar numa missão em conjunto com as Forças Armadas num ambiente muito destabilizado. A confirmar este pensamento, o 6º relatório da EGF *Commitment in Afghanistan* refere que o empenhamento desta força dentro da matriz da NATO, continua a demonstrar a sua capacidade para o cumprimento de um grande espectro de funções policiais em ambiente destabilizado dentro de uma

cadeia de comando militar. Refere ainda que os seus elementos estão a contribuir para o desenvolvimento da ANP.

Terceiro e último ponto, a missão da EGF reuniu a unanimidade dos países membros da EGF e a participação de 5 desses países membros, França, Itália, Espanha, Holanda e Portugal, um país terceiro, a Polónia e um país observador, a Turquia. No total foram 7 países debaixo da bandeira da EGF.

Em fevereiro de 2012 estavam presentes no Afeganistão 413 elementos da EGF. A força estava dividida entre estrutura de comando da NTM-A, dentro da *Assistant Commanding General – Police Transition Group* (ACG-PTG), instrutores (nos centros de formação) e POMLTs.

Tabela n.º 4: Distribuição da Força da EGF no Afeganistão em Fevereiro de 2012

	ACG - PTG	INSTRUTORES	POMLTs	TOTAL
FRANÇA	0	60	81	141
ITÁLIA	2	60	60	122
ESPAÑA	1	10	37	48
PORTUGAL	0	15	0	15
HOLANDA	4	25	30	59
ROMÉNIA	0	0	0	0
TURQUIA	0	0	18	18
POLÓNIA	0	10	0	10
LITUÂNIA	0	0	0	0
EGF	7	180	226	413

6.3 Discussão de Resultados

Após a revisão de literatura, apresentação de resultados, análise das entrevistas e análise documental dos dados recolhidos através dos relatórios da EGF, constatou-se que houve uma preparação e aprontamento da força adequados à missão. Esta missão tinha como objetivo dar mentoria à Polícia Afegã. Tendo em conta o ambiente de

insurgência que se vive no país, o modelo de polícia mais adequada é o modelo Dual devido ao ambiente de insurgência vivido aliado à forte necessidade de um policiamento de proximidade.

No que respeita ao dilema quantidade/qualidade, a aposta da formação incidiu na quantidade sem descorar a qualidade. Tal era fundamental, visto ser necessário cobrir o policiamento de todo o território afegão, no entanto, a sustentabilidade e eficiência desta força também permanecia imprescindível.

A EGF deu formação e mentoria em vários pontos do Afeganistão e participou na elaboração dos programas de treino da Polícia Afegã. Nos centros de treino que através das POMLTs, foram formados milhares de polícias para a ANP. O facto de todos os instrutores da EGF serem militares apenas trouxe vantagens para a formação, quer pela sua preparação mas também por outras características que os distinguem tais como a disciplina o rigor e a organização. Estes aspetos podem influenciar os instrutores afegãos a darem continuidade ao trabalho levado a cabo pelos instrutores europeus. Se estes conhecimentos forem postos em prática, poder-se-ão transformar em mais-valias em benefício de um Afeganistão mais seguro e próspero.

A mentoria e o *advising* teve o mérito de preparar os afegãos para o futuro em termos de treino das suas forças policiais, bem como da própria gestão dos centros de formação.

A participação da EGF nesta missão teve por base três aspetos fundamentais. O primeiro foi o pedido por parte das Nações Unidas e da NATO para que colaborasse no desenvolvimento da Polícia Afegã. Seguidamente, denotou-se uma vontade dos países membros da EGF de participarem nesta missão e, por fim, identificaram-se as mais-valias que o contributo da EGF poderia trazer à formação da Polícia Afegã. Esta participação poderá ter sido bem-sucedida se as autoridades afegãs conseguirem dar continuidade ao esforço feito no sentido de transformar a ANP numa polícia profissional de acordo com os *standards* internacionais.

Capítulo 7

Conclusões e recomendações

7.1. Verificação de hipóteses

Relativamente à primeira hipótese apresentada neste trabalho, **A mentoria foi útil para a formação da Polícia Afegã**, esta foi efetivamente verificada pelas respostas dos comandantes dos contingentes portugueses da GNR no Afeganistão e pelas informações recolhidas através da pesquisa bibliográfica.

Teoricamente, a EGF é o tipo de força, à partida, mais preparada para dar mentoria e *advising* às forças de segurança em ambientes destabilizados. O mentor tem o papel fundamental de enquadrar o treino, orientar o instrutor bem como explicar, demonstrar observar, e acima de tudo efetuar, no final de cada instrução, uma crítica construtiva. Verificou-se que a mentoria à Polícia Afegã foi fundamental, quando bem-feita e aceite pelos instrutores afegãos.

A mentoria permitiu tornar as instruções mais práticas, tal facto ajudou na aprendizagem dos instruendos dado que cerca de 80% não sabia ler nem escrever. Ajudou também os afegãos a planear e preparar instruções.

Na fase final da missão a mentoria evoluiu para *advising*, ou seja, aconselhamento, com o objetivo de preparar os afegãos a serem eles mesmos a dar instrução e gerirem os centros de treino sem presença dos mentores.

Resumidamente, a mentoria tornou os instrutores afegãos mais profissionais e mais capazes de cumprir a tarefa de formar os seus próprios polícias.

A segunda hipótese, **Comprova-se que o treino foi mais importante que a mentoria**, não se verificou. Na prática, o treino tinha de ser enquadrado pelo mentor. No NPTC, a quando da chegada do 3º contingente da GNR, não havia horários. Devido à falta de responsabilidade e profissionalismo dos instrutores afegãos, tiveram de ser feitos horários para estes e para os alunos. Sem horários, verificou-se que também não havia instrução. Os instrutores afegãos não cumpriam as tarefas relacionadas com a

instrução e colocavam os seus próprios interesses à frente do interesse coletivo. Em situações como estas, sem a organização e sem horários e a supervisão feitos pelo mentor, também não havia treino.

Conclui-se que a mentoria foi indubitavelmente mais importante que o treino. A terceira hipótese, **As diferenças culturais entre mentor e mentorados, impediram uma mentoria eficaz**, não se verificou. A maioria dos entrevistados referiu que as relações com os instrutores eram cordeais e aceitavam as correções efetuadas pelo mentor. No entanto, havia instrutores, na opinião do E5, que no final da missão do 3º contingente da GNR, não aceitavam bem a crítica e encaravam a mesma como um atestado de incompetências.

A quarta hipótese, **A natureza militar dos elementos da EGF influenciou positivamente a formação da Polícia Afegã**, verificou-se. Teoricamente as Forças tipo *Gendarmerie* são apontadas como sendo as mais capazes de dar formação à ANCOP, em vez de uma força policial civil ou militares das forças armadas. Sendo a ANCOP a futura *Gendarmerie* afegã, foi escolhida a EGF escolhida para dar formação. Relativamente á AUP, uma polícia mais destinada a fazer policiamento fundamentalmente, de proximidade, conclui-se que não há inconvenientes em serem os instrutores da EGF a dar formação dada a ambivalência de atuação das forças tipo *Gendarmerie*.

Verificou-se que as forças da EGF têm o perfil mais adequado para dar mentoria e formação à Polícia Afegã.

Para além do seu estatuto militar, associado a este, a disciplina, o rigor, ao grau de preparação que estas forças apresentam para atuar num ambiente de insurgência. Falam a mesma linguagem que as outras forças militares no terreno. A EGF possui, tal com qualquer força policial de natureza civil, valências no policiamento de proximidade.

O facto de a EGF ser uma força de segurança de natureza militar, beneficiou a formação da Polícia Afegã na medida em que a preparou para atuar num ambiente de insurgência.

A quinta hipótese, **O facto dos instrutores da EGF serem militares, não beneficiou a formação da Polícia Afegã**, não se verificou. Tendo por base as entrevistas, a pesquisa bibliográfica e a análise documental, conclui-se que não há desvantagens em os instrutores da EGF serem militares.

A sexta hipótese, **O treino da Polícia Afegã beneficiava com instrutores civis**, não se verifica. Isto não significa que, se a ANP fosse mentorada por instrutores de uma força policial civil, ficaria com formação deficitária ou incompleta.

Tendo por base as respostas dadas pelos comandantes de contingente, conclui-se que apesar de ser necessário, no Afeganistão, um policiamento de proximidade e uma distinção entre a polícia e o exército, num ambiente de insurgência, como aquele que se vive no Afeganistão, as forças policiais mais preparadas para dar formação são, provavelmente, as de cariz militar.

A sétima hipótese, **O contributo dos militares da GNR permitiu uma formação adequada aos problemas que a ANCOP se vai defrontar na prática**, é válida. No entanto restam algumas dúvidas. Com base na entrevista ao comandante do 4º contingente da GNR, é difícil concluir se a instrução era a mais adequada, no entanto, foi a mais adequada dentro do possível à realidade de insurgência e às características do Afeganistão. A GNR projetou para o NPTC uma força que deu formação à ANCOP, com vista a prepará-la para lidar com incidentes mais graves, como é o caso de atentados, prepararam-na para reagir a IEDs, controlo de tumultos e foram também ministradas TTPs de âmbito policial de forma a preparar a ANCOP para as dificuldades que vai encontrar no terreno. Tendo em consideração a opinião da maioria dos oficiais entrevistados, conclui-se que a ANCOP teve uma formação que lhe permite atuar eficazmente perante situações com que se irá defrontar na prática.

A oitava hipótese, **A formação dada pelos militares da GNR, contribuiu para a profissionalização da ANCOP**, foi verificada. Tendo por base as entrevistas aos oficiais que comandaram os contingentes da GNR no Afeganistão, a experiência e profissionalismo dos militares da Guarda, um aprontamento enriquecido com a vertente pedagógica, através dos métodos de instrução e a transmissão de conhecimentos aos instrutores da Polícia Afegã, provavelmente vão contribuir para a profissionalização da ANCOP. Foi deixada no Afeganistão uma base de conhecimentos, que a ser explorada pelos afegãos, poderão fazer da ANCOP a força policial mais preparada para atuar no ambiente de insurgência, como aquele que é vivido no Afeganistão.

A mentoria e posteriormente, o aconselhamento, conjuntamente com uma correta pedagogia, dada pelos militares da GNR, poderão contribuir para profissionalizar a futura *Gendarmerie* afegã.

A nona hipótese, **O contributo dos militares da Guarda trouxe valor acrescentado à formação da ANCOP**, verifica-se. Com base nas entrevistas e documentos da EGF, esta força deu formação inicial de polícias em 3 centros de treino e colocou em vários pontos do território afegão as POMLTs, que davam mentoria, instrução e monitorizavam a Polícia Afegã. Esta força, antes da missão iniciada pela EGF em dezembro de 2009, revelava inúmeras carências, não existia uma cultura de polícia. Os polícias não eram treinados nem selecionados. Assim todo o contributo vindo de países com polícias profissionais, automaticamente acarretaria valor acrescentado à formação. A GNR, através da mentoria dada ao longo de 2 anos, através do exemplo, postura, disciplina, transmissão de valores éticos, rigor e profissionalismo no cumprimento de horários demonstrou às autoridades afegãs a forma mais correta de formar profissionais. A elaboração de um Plano Estratégico de Desenvolvimento de Competências, Cursos de Oficiais e Sargentos da ANCOP, organização em termos de horários, formação a 2 cursos SWAT, Cursos de comandante de companhia e batalhão da ANCOP, trouxe valor acrescentado à formação da Polícia Afegã.

7.2. Reflexões finais e recomendações

A estabilização da zona central da Ásia, especificamente o Paquistão e o Afeganistão, é uma das prioridades da comunidade internacional. Conhecedores dos perigos que representa um possível regresso dos talibã ao poder no Afeganistão, A NATO, ainda presente no território até 2014, começou a olhar para a Polícia Afegã como um elemento relevante no combate à insurgência. O problema é que as ANSF não se encontravam preparadas para enfrentar a ameaça, que a insurgência, provocada pelos rebeldes, representa. Para além disto, debate-se ainda com um grave problema interno, a corrupção.

Sabendo das capacidades da EGF, os responsáveis da NATO e da ONU, endereçaram um convite a esta força a fim de participar na formação da Polícia Afegã. A EGF aceitou o convite e projetou para o Afeganistão uma força capaz de dar formação e mentoria à Polícia Afegã. Em resposta à pergunta derivada nº1, **Que importância teve a mentoria dada pelos formadores da EUROGENDFOR à Polícia Afegã?** Poder-se-á referir que os mentores da EGF presentes nos centros de treino e

integrados nas POMLTs distribuídas pelo território, tiveram a tarefa de preparar os instrutores afegãos a dar uma formação, de acordo com os programas definidos pelo Ministério do Interior, aos futuros polícias. Através da presença dos mentores da EGF nas instruções foi transmitido um volume de conhecimentos, que, a serem assimilados pelos instrutores afegãos poderão ter repercussões positivas na formação dos futuros polícias. A crítica feita pelos mentores no final de cada instrução, pode também contribuir para a correção de erros cometidos durante as instruções. A evolução de mentoria para *advising*, preparou os responsáveis afegãos para no futuro gerirem por si mesmos a formação.

O Teatro de Operações do Afeganistão é caracterizado por um ambiente de insurgência, para poder operar neste tipo de ambiente é necessária uma preparação adequada. A preparação dos contingentes da GNR teve, para além de outras, uma componente pedagógica mas também uma componente tática e militar.

Sendo os elementos da EGF, forças de segurança de natureza militar, à partida estarão mais preparadas para dar formação em cenários mais perigosos como é o caso do Afeganistão. Uma das tarefas da EGF era formar a ANCOP, que pode ser considerada a *Gendarmerie* Afegã. Assim, surge a segunda pergunta derivada, **Qual a influência da natureza militar da Força da EUROGENDFOR, na formação da Polícia Afegã?** As características de uma força militar são, entre outras a sua disciplina, rigor e organização grau de preparação. A presença dos militares da EGF nos centros de treino fez com que determinadas características, através do exemplo, passassem para os instrutores e para os instruendos. Desta forma os instrutores afegãos aprenderam a planear e executar a instrução bem como operações policiais. Aprenderam ainda a organizar as instruções em termos de horários, mas acima de tudo mudou a postura a atitude e o comportamento. Esta mudança poder-se-á refletir no cumprimento das suas tarefas, a quando da sua entrada ao serviço da ANCOP.

Portugal é um dos países fundadores da EGF e da NATO. Tendo em conta a larga experiência de participação em missões no Teatro de Operações do Afeganistão, o nosso país como membro das organizações internacionais supra citadas, e á semelhança dos países parceiros tem o dever de contribuir para a segurança e estabilidade internacional.

O Governo português atribuiu à GNR a tarefa de participar, sob coordenação funcional da EGF, na NTM-A. Uma vez integrada na ISAF e pela primeira vez numa

cadeia de comando da NATO, a GNR, conjuntamente com as suas congéneres da EGF, tinha como missão incluir-se na formação e mentoria da Polícia Afegã. Neste âmbito surge assim a terceira pergunta derivada, **Qual o contributo dado pelos militares do contingente da GNR, na formação da ANCOP?** Durante um período de 2 anos a GNR projetou para o NPTC de *Wardak*, o maior centro de treino de polícias afegão, um total de 60 militares divididos por quatro contingentes de 15 elementos. A missão iniciou-se em março de 2011 e terminou em março de 2013. Os contingentes da GNR tiveram um papel ativo no desenvolvimento das capacidades da Polícia Afegã, concretamente da ANCOP e da AUP. Na formação à ANCOP, a GNR a focalizou a sua ação na mentoria, apoio, monitorização e *advising* (aconselhamento) das atividades desenvolvidas pelos instrutores afegãos. A Guarda assumiu tarefas de primeira linha, dando instrução a 2 cursos SWAT da ANCOP, ao 1º Curso de Oficiais da ANCOP e aos cursos de comandante de batalhão e companhia também da ANCOP. A GNR juntamente com todas forças da EGF formaram milhares de polícias da ANCOP, que poderão vir a revelar-se uma mais-valia para a ANP e para o Afeganistão.

Neste ponto de vista, surge a resposta à pergunta final, **Qual o contributo da EGF na formação da Polícia Afegã?** Desde dezembro de 2009 a EGF dispôs ao serviço da NTM-A uma força que colaborou no desenvolvimento e profissionalização da Polícia Afegã. A nível estratégico a EGF colaborou com o EM, no desenho e preparação da instrução. Nos centros de treino os formadores da EGF providenciaram instrução, mentoria, monitorização e aconselhamento no âmbito da formação inicial de polícias. Após a formação inicial era dado *on-job-training*, os mentores deslocava-se aos postos monitorizar a atividade dos polícias. Ao longo do território Afegão, as POMLTs desenvolveram um trabalho de mentoria, monitorização e treino à AUP e ABP.

A EGF, através do empenho dos seus profissionais, demonstrou aos seus congéneres afegãos a forma correta de como formar polícias com capacidade de atuar num ambiente de insurgência.

Através da mentoria e da instrução, os formadores da EGF transmitiram um volume de conhecimentos à ANCOP e à AUP que a serem assimilados poderão levar a que estas forças cumpram as suas tarefas com o profissionalismo, facto que não era verificado antes de 2009.

A mentoria dada aos instrutores afegãos foi útil na medida em que estes possam ter vindo a aprender com os próprios erros, com as correções efetuadas pelos mentores europeus e não vejam essas correções como críticas no sentido destrutivo.

7.3. Limitações da investigação

Esta investigação, dada a abrangência que tem, está limitada pelo facto de não se poder ter entrevistado oficiais dos outros países da EGF diretamente envolvidos na Formação da Polícia Afegã como por exemplo o pessoal que foi empenhado nas POMLTs.

Este trabalho encontra-se também limitado por falta de dados estatísticos concretos, relativos à formação de novos polícias no Afeganistão. Está também limitado dada a impossibilidade de fazer inquéritos e entrevistas aos instrutores afegãos.

7.4. Propostas de investigações futuras

Na sequência da conclusão desta investigação, surge como aliciante acompanhar os progressos das Forças de Segurança Afegãs nos próximos anos, numa perspetiva do trabalho produzido, mas também do sentimento de segurança presente no território e população local.

É realçado ainda o interesse de se investigar as implicações do facto de uma força de segurança de natureza civil no cumprimento destas missões de mentoria e *advising* em Teatros de Operações similares ao afegão, por outras palavras, num ambiente marcado por um elevado grau de instabilidade.

Referências bibliográficas

Metodologia científica

Academia Militar (2011). *Nep n.º 520*, de 30 de junho.

Quivy, R., e Campenhoudt, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Sarmiento, M. (2008). *Guia Prático sobre a Metodologia Científica para a Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses de Doutoramento, Dissertação de Mestrado e Trabalhos de Investigação Aplicada*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.

Livros

European Gendarmerie Force. (2010) *Lex paciferat*

Maquiavel, N. (2010). O Príncipe: *Da crueldade e da piedade e se mais vale ser amado que temido ou vice-versa*.(p.121). Lisboa: Sílabo

Moreira, A. (1984). Ciência Política. *Aproximação Semântica*. (pp.15-24) Coimbra: Almedina

Pires, N. (2011). Cartas de Cabul. *Cartas de Cabul – N.º 14*. (pp. 103-105) Parede: Tribuna da História

Publicações periódicas

Almendra, F. (2012). *Porquê*. 3º Contingente Nacional FND / ISAF Mentoria, Assessoria e Treino no Afeganistão, p. 5.

Caldwell, W. (2011) *Transition in Afghanistan through an Enduring Afghan National Security Force*, Revista Nação e Defesa nº 130 – 5ª Série, Instituto de Defesa Nacional, pp. 69-82.

Monteiro, A. (2012). *A Insustentável leveza do ser*. 3º Contingente Nacional FND / ISAF Mentoria, Assessoria e Treino no Afeganistão, pp. 43-49.

Legislação Nacional

Resolução do Conselho de Ministros 13/2011 de 19 de janeiro (DR, 1.ª Série - Nº 29 – 10 de fevereiro de 2011)

Resolução do Conselho de Ministros 19/2013 (DR, 1.ª Série - Nº 67 – 5 de abril de 2013)

Legislação e documentos internos

Diretiva N.º 02/11 – PARTICIPAÇÃO DA GUARDA NA NTM-A (NATO TRAINING MISSION - *AFGHANISTAN*) 17 JAN 11

Diretiva Nº 28/13 – PARTICIPAÇÃO DA GUARDA NA NTM-A (NATO TRAINING MISSION - *AFGHANISTAN*) – 4º CONTINGENTE 04 JUL 12

Artigos Online

Eupol, (2012). *The Afghan Police through the ages: 250 years of change*. Retirado: maio, 11, 2013 de: <http://www.eupol-afg.eu/?q=node/222#sthash.Ra73nXFm.dpuf>

FPRI, e RUSI (2009) *Reforming the Afghan National Police*. Retirado: outubro, 06, 2013 de: <https://www.fpri.org/>

Gobinet, P. (2011). *The gendarmerie alternative: Is there a case for the existence of police organisations with military status in the twenty-first century European security apparatus?* In H. Hovens, & G. Elk, *Gendarmeries and the security challenges of the 21 century* (p. 30). Den Haag: Fiep Seminar Publication. Retirado: julho, 25, 2013, de <http://www.fiep.org/wp-content/uploads/2011/11/FIEP-Seminarboek-totaal.pdf>

Lalinde, E. (2005). *The new European Gendarmerie Force*. Retirado: maio, 21, 2013
<http://www.realinstitutoelcano.org/wps/wcm/connect/e2885c804f0185beb989fd3170baead1/Esquivel735.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=e2885c804f0185beb989fd3170baead1>

Library of Congress (2008). *Country Profile: Afghanistan*. Retirado: fevereiro 22, 2013 de. <http://memory.loc.gov/frd/cs/profiles/Afghanistan.pdf>

Norman, C. (2012). *What do Afghans want from the Police? Views from Helmand Province*. Retirado: março, 22, 2013 de:
<http://www.cna.org/sites/default/files/research/what%20afghans%20want%20from%20the%20police%20d0026181.a2.pdf>

Perito, R. (2009) *Afghanistan's Police the Weak in the Security Sector Reform*. Retirado: março, 03, 2013 de:
http://www.usip.org/sites/default/files/resources/afghanistan_police.pdf

Project 2049 (2011) *The Police Challenge: Advancing Afghan National Police Training*. Retirado: outubro, 12, 2013 de:
http://project2049.net/documents/police_challenge_advancing_afghan_national_police_training.pdf

Schroder, J. (2009) *Afghanistan VII. History*. Retirado: maio, 18, 2013 de:
<http://www.webcitation.org/query?id=1257001577240643>

UN (2001) *Agreement on Provisional Arrangements in Afghanistan Pending the Re – Establishment of Permanent Government Institutions*. Retirado: Junho, 03, 2013 de:
https://www.cimicweb.org/cmo/afg/Documents/Governance/CFC_Afghanistan_Agreements_June2012.pdf

UNDOC (2012) *Country Programme for Afghanistan 2012 – 2014*. Retirado: maio, 10, 2013 de:
http://www.unodc.org/documents/afghanistan/New%20Country%20Programme/Country_Programme_for_Afghanistan_2012-2014_signed.pdf

Weger, M. (2009). *The Potencial of The European Gendarmerie Force*. Retirado:
outubro, 06, 2013, de:
http://www.clingendael.nl/sites/default/files/20090400_cscp_gendarmerie_weger.pdf

Apêndices e Anexos



ACADEMIA MILITAR

A Contribuição da Força de *Gendarmerie* Europeia na Formação da Polícia Afegã

Autor: Aspirante GNR-Inf Orlando Carlos Meirinhos Rodrigues

Orientador: Tenente Coronel de Infantaria Nuno Lemos Pires

Coorientador: Capitão GNR Infantaria Reinaldo Saraiva Hermenegildo

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, 2 agosto de 2013

Apêndice A

Sinopse

Quadro n.º 13: Sinopse da resposta à pergunta n.º 1

P.1) Como se prepararam os militares da GNR para dar Formação à ANCOP?	
Entrevistado	Principais ideias
E2	1) TTPs tendo em conta a ameaça e o risco. 2) Matérias de âmbito formativo para mentoria aos formadores afegãos.
E3	1) Através de uma componente militar, tática e pedagógica 2) Preparação linguística e componente física. 3) Preparação através de Situation Training Exercises
E4	1) Seleção do pessoal para o TO 2) Treino de adaptação às condições do TO
E5	1) TIC, Condução TT. 1ºs Socorros em ambiente tático 2) Treino para dar formação aos instrutores afegãos
E6	1) TTPs para reação a IEDs, 2) Métodos de instrução no âmbito da mentoria

Quadro n.º 14: Sinopse da resposta à pergunta n.º 2

P.2) Considera que a formação dada à ANCOP é a mais adequada a uma força que vai operar num ambiente de insurgência?	
Entrevistado	Principais ideias
E2	1) Sim. Foram dadas TTPs tendo em conta o ambiente de insurgência 2) Foram também ministradas matérias de âmbito policial
E3	1) Baseada nos programas de formação 2) Era suficientemente adequada
E4	1) Foi tido em conta o ambiente de insurgência 2) Contribui para melhorar o conhecimento, a tolerância e abertura de espírito
E5	1) Sim, dentro do possível. 2) Podia ser mais alargada, profissional e organizada
E6	1) É difícil concluir se é a mais adequada 2) No entanto preparou a ANCOP para operar no Afeganistão.

Quadro n.º 15: Sinopse da resposta à pergunta n.º 3

P.3) Que tipo de polícia seria a mais ajustada ao Afeganistão? Polícia Militar, Polícia Civil ou um modelo dual?	
Entrevistado	Principais ideias
E2	1) O modelo dual. 2) É necessário uma polícia de proximidade e uma polícia militar, mais forte com maior preparação e melhor equipamento capaz de reagir a situações de ordem pública e atuar em ambiente de insurgência.
E3	1) O atual existente é o mais adequado. 2) A ABP e a ALP executam um policiamento de proximidade e a ANCOP faz um tipo de policiamento destinado ao combate ao terrorismo e conflito armado.

E4	1) Uma polícia tipo <i>Gendarmerie</i> . Com forte enquadramento e disciplinada e capaz de fazer o policiamento de proximidade.
E5	1) Polícia de cariz Militar.
E6	1) O modelo Dual 2) É necessário uma polícia civil para o contacto com a população e uma polícia tipo a GNR, capaz de reagir a ataques, planear operações e proteção de AE.

Quadro n.º 16: Sinopse da resposta à pergunta n.º 4

P.4) Nesta missão a aposta foi mais na quantidade de polícias formados ou na qualidade da formação?	
Entrevistado	Principais ideias
E2	1) A aposta foi na quantidade. 2) Os mentores não interferiam com o número de polícias a formar
E3	1) Aposta na qualidade. 2) Efetuou-se um curso de formação de formadores, e levou-se a cabo um Plano Estratégico para a formação no NPTC 3) Foram formados mais de 2 500 alunos.
E4	1) Não era permitido interferir na quantidade mas a qualidade foi sempre tida em conta.
E5	1) A aposta foi, erradamente, na quantidade.
E6	1) Aposta foi na quantidade, sem descorar a qualidade.

Quadro n.º 17: Sinopse da resposta à pergunta n.º 5

P.5) O facto dos instrutores da EGF e em particular da GNR serem militares, que vantagens e desvantagens trouxeram para a formação?	
Entrevistado	Principais ideias
E2	1) Só há vantagens. 2) Os militares estão melhor preparados para este tipo de TO 3) A ANCOP a quem foi dada mentoria é uma força tipo <i>Gendarmerie</i>
E3	1) Vantagens muitas: disciplina, preparação para ambiente hostil, linguagem e comunicação. 2) Desvantagens: nenhuma
E4	1) Vantagens: vontade de servir, saber fazer, rigor e disciplina 2) Não há desvantagens.
E5	1) Vantagens: Falar a mesma linguagem que as outras forças 2) desvantagens: Nada a referir
E6	1) Vantagens: ambivalência de atuação 2) Não há desvantagens

Quadro n.º 18: Sinopse da resposta à pergunta n.º 6

P.6) No seu ponto de vista, serão capazes os instrutores afegãos dar continuidade ao trabalho desenvolvido pela EGF?	
Entrevistado	Principais ideias
E2	1) Alguns são capazes, são experientes e competentes 2) Outros não serão capazes. 3) Depende de pessoa para pessoa
E3	1) De certeza que sim. Têm bom equipamento, tiveram formação de nível instrutor e têm capacidade. 2) Vai depender da liderança
E4	1) São capazes se os responsáveis conseguirem fixar os melhores oficiais e sargentos 2) Os instrutores têm competência
E5	1) São capazes se souberem organizar a instrução em termos de horários. 2) Mas falta-lhe a organização, nisto são muito problemáticos.
E6	1) Acredita que sim. 2) Foram passados os ensinamentos e princípios de atuação que melhoraram o desempenho dos instrutores afegãos.

Quadro n.º 19: Sinopse da resposta à pergunta n.º 7

P.7) Que importância teve a mentoria?	
Entrevistado	Principais ideias
E2	1) Deu aos instrutores afegãos uma nova visão da formação 2) Ajudou-os a planear e organizar cursos e tornou as instruções mais práticas, fator importante, 80% não sabiam ler nem escrever.
E3	1) Deu ferramentas pedagógicas aos formadores afegãos que permitiu desenvolver a sua atividade. 2) Permitiu aos OCD trabalhar em atividades de EM relacionadas com planeamento e programação da formação. 3) É motivante para quem dá mentoria
E4	1) Foi fundamental na orientação da instrução. Demonstrou aos instrutores afegãos que deveriam respeitar coisas tão simples como o rigor no cumprimento de horários.
E5	1) É importante: Quando bem-feita; O mentorado aceita a crítica 2) Este facto que não se verificava ultimamente porque era vista como atestado de incompetências.
E6	1) Mostrou, que quando os instrutores afegãos procediam erradamente, que as coisas feitas de forma diferente para melhor, os resultados são melhores. 2) Com o aproximar do fim da missão a mentoria evoluiu para aconselhamento

Quadro n.º 20: Sinopse da resposta à pergunta n.º 8

P.8) A história recente da Polícia Afegã está ligada ao crime e em particular à corrupção. Qual o papel dos formadores para inverter esta tendência?	
Entrevistado	Principais ideias
E2	1) Não era abordado esse assunto pelos mentores 2) Havia aulas de deontologia onde esse assunto era tratado
E3	1) Esse assunto não era abordado pelo mentor

	2) Era abordado em aulas próprias. 3) Era dada mais horas a esse assunto que a instrução de tiro.
E4	1) No curso de comandantes de companhia e batalhão era ensinado aos alunos que a conduta da polícia deveria ser balizada pela lei e blindada pela ética e deontologia 2) Sensibilizando-os que estes conhecimentos deveriam transmiti-los aos subordinados
E5	1) Tentando desviar-los desses comportamentos e dos ataques <i>green on blue</i>
E6	1) Transmissão de ensinamentos, presença e interação e partilha de valores.

Quadro n.º 21: Sinopse da resposta à pergunta n.º 9

P.9) Em que medida a missão da EGF contribuiu para o profissionalismo da ANP e em particular da ANCOP?	
Entrevistado	Principais ideias
E2	1) Através da experiência e conhecimentos dos mentores 2) Através da mentoria e métodos de treino aos formadores afegãos do NPTC
E3	1) Criação de uma base sólida de conhecimentos 2) O desenvolvimento de atividades de acordo com os padrões locais permitiram fazer da ANCOP a polícia melhor treinada e eficaz no contexto afegão.
E4	1) As TTPs ministradas serviram para padronizar conhecimentos, reduzir a incerteza dos instruídos e contribuíram para a qualidade de atuação dos agentes 2) Os cursos de SWAT dados à ANCOP bem como os cursos de comandante de batalhão e companhia contribuíram para o profissionalismo da ANP e da ANCOP
E5	1) Elaboração de horários e fazer com que os afegãos os cumprissem.
E6	1) Através de uma correta pedagogia, mentoria e <i>advising</i> . 2) Partilha de conhecimentos do pessoal da EGF com os instrutores afegãos.

Quadro n.º 22: Sinopse da resposta à pergunta n.º 10

P.10) O que mudou na ANP e na segurança do país com a missão da EGF?	
Entrevistado	Principais ideias
E2	1) Mudou para melhor. 2) A atitude postura e comportamento dos instruídos era diferente no final da instrução, o que se poderá refletir na segurança interna do país
E3	1) Mudou as competências adquiridas pelas polícias. 2) Mudou a atitude e a postura das polícias. 3) Há ainda um longo caminho a percorrer pela ANP para atingir os standards compatíveis com os das outras polícias
E4	1) As mudanças não podem ser ainda quantificadas. Pois as polícias formadas vão integrar unidades por todo o país.
E5	1) Mudou a capacidade de organização do NPTC.
E6	1) As TTPs, a forma de atuar e planejar ensinadas podem ser uma mais-valia para o Afeganistão em termos de segurança interna.

Quadro n.º 23: Sinopse da resposta à pergunta n.º 11

P.11) Considera os polícias formados pela EGF, uma mais-valia para a segurança do Afeganistão?	
Entrevistado	Principais ideias
E2	1) Sim 2) Os conhecimentos aprendidos pelos instrutores afegãos irão ser por eles aplicados na formação. 3) A sólida formação terá reflexos na segurança interna do país
E3	1) Sim 2) A ANCOP já evitou em abril d 2011 um atentado em Cabul.
E4	1) Sim 2) Ao estarmos a contribuir para o desenvolvimento da Polícia Afegã, estamos a contribuir para a segurança e prosperidade do Afeganistão.
E5	1) Sim, saímos de lá com o sentimento de dever cumprido. 2) Como instrutor SWAT, transmiti o maior número de conhecimentos possível.
E6	1) Sim. O nosso trabalho era mentorar os instrutores afegãos.

Apêndice B

Guião de Entrevista Coronel Esteves ex-comandante da EGF

- 1) Quais os fatores que levaram a EGF a participarem na NTM-A, no âmbito da formação da Polícia Afegã?
- 2) Quais eram as principais carências da Polícia Afegã no início da formação levada a cabo pela EGF?
- 3) Qual o papel da EGF no âmbito da formação dos futuros polícias afegãos?
- 4) Em que medida a missão da EGF contribuiu para a profissionalização da Polícia Afegã?
- 5) Que balanço faz da participação da EGF na NTM-A?

Apêndice C

Guião de Entrevista aos Comandantes de Contingente da GNR na Missão da NTM-A:

- 1) Como se prepararam os militares da GNR para dar Formação à ANCOP?
- 2) Considera que a formação dada à ANCOP é a mais adequada a uma força que vai operar num ambiente de insurgência?
- 3) Que tipo de polícia seria o mais ajustada ao Afeganistão? Polícia Militar, Polícia Civil ou um modelo dual?
- 4) Nesta missão a aposta foi mais na quantidade de polícias formados ou na qualidade da formação?
- 5) O facto dos instrutores da EGF e em particular da GNR serem militares, que vantagens e desvantagens trouxeram para a formação?
- 6) No seu ponto de vista, serão capazes os instrutores afegãos dar continuidade ao trabalho desenvolvido pela EGF?
- 7) Que importância teve a mentoria?
- 8) A história recente da Polícia Afegã está ligada ao crime e em particular à corrupção. Qual o papel dos formadores para inverter esta tendência?
- 9) Em que medida a missão da EGF contribuiu para o profissionalismo da ANP e em particular da ANCOP?
- 10) Considera os polícias formados pela EGF, uma mais valia para a segurança do Afeganistão?
- 11) O que mudou na ANP e na segurança do país com a missão da EGF?

Anexo A

Entrevista ao Coronel Esteves

1) Quais os fatores que levaram a EGF a participarem na NTM-A, no âmbito da formação da Polícia Afegã?

R: Foram 3 fatores:

1º: Uma solicitação da ONU e da NATO, pedindo a intervenção da EGF no treino da Polícia Afegã.

2º: A vontade dos países membros da EGF em integrar uma missão da NATO, uma vez que a EGF nunca tinha integrado uma missão desta organização.

3º: As mais valias que a EGF podia trazer à NATO no que respeita ao treino da Polícia Afegã.

2) Quais eram as principais carências da Polícia Afegã no início da formação levada a cabo pela EGF?

R: Não existia uma cultura de polícia porque não eram treinados nem selecionados, não tinham ideia do que era o serviço policial de acordo com os *standards* internacionais:

1º: A Polícia Afegã não tinha formação policial específica

2º: Não tinha qualquer código de ética

3º: Não tinha qualquer tipo de treino físico nem treino de tiro.

4º: Tinha equipamento muito rudimentar, só tinham o nome de “Polícia”. A corrupção era normal. A polícia pedia dinheiro à população, não servia a população, servia-se da população.

3) Qual o papel da EGF no âmbito da formação dos futuros polícias afegãos?

R: 1º: Demos formação inicial dos polícias afegãos em três centros de treino, em *Wardak*, em *Adraskan* e em *Mazar-e-Sharif*.

2º: Dávamos on-job-training, depois da formação inicial, íamos aos postos de polícia afegãos monitorizar a sua atividade.

3º: Preparação dos programas de instrução da Polícia Afegã e colaboração a nível de Estado-maior no desenho da instrução da Polícia Afegã. É um papel de nível estratégico.

4) Em que medida a missão da EGF contribuiu para a profissionalização da Polícia Afegã?

R: A EGF treinou milhares de polícias no Afeganistão, tanto da ANCOP como da AUP. A EGF teve um papel fundamental no treino da Polícia Afegã devido ao nosso treino inicial, subsequente monitorização e à qualidade dos programas de instrução desenvolvidos pela EGF.

A qualidade dos peritos da EGF muito contribuiu para a profissionalização da Polícia Afegã. Este aspeto foi alvo de agradecimentos da cadeia de comando da NTM-A, testemunhando o apreço pela qualidade do trabalho da EGF.

5) Que balanço faz da participação da EGF na NTM-A?

R: O balanço é muito positivo porque:

1º A EGF participou pela 1ª vez numa missão da NATO

2º A EGF provou que pode participar numa missão em conjunto com as Forças Armadas num ambiente muito destabilizado.

3º A missão da EGF reuniu a unanimidade dos países membros da EGF e a participação de cinco desses países membros, França, Itália, Espanha, Holanda e Portugal, um país terceiro, a Polónia e um país observador, a Turquia. No total foram sete países debaixo da mesma bandeira.

Anexo B

Entrevista ao Tenente-Coronel Marcelino

1) Como se prepararam os militares da GNR para dar Formação à ANCOP?

R: O Contingente da Guarda Nacional Republicana constituído por uma equipa de 15 militares, integrou a estrutura internacional do Centro de Treino da Polícia Nacional Afegã de *Wardak* (*National Police Training Centre – NPTC Wardak*), no Afeganistão, a fim de, no âmbito da NTM-A, fazendo parte do Contingente Nacional na ISAF e sob coordenação funcional da EUROGENDFOR, monitorizar e assessorar o funcionamento do Centro de Treino e as ações de formação destinadas à *Afghan National Civil Order Police (ANCOP)*, através da mentoria aos formadores afegãos do NPTC.

A preparação do contingente possuiu uma forte componente de treino de Técnicas, Táticas e Procedimentos e de Tarefas Críticas tendo em conta a especificidade, nível e tipo de ameaça e riscos do Teatro de Operações, essenciais à segurança e proteção do contingente em todas as missões a desempenhar, para além das matérias de âmbito formativo necessárias para a mentoria a ser efetuada aos formadores Afegãos através de tradutores.

2) Considera que a formação dada à ANCOP é a mais adequada a uma força que vai operar num ambiente de insurgência?

R: Sim. Foi dada formação de âmbito policial mas com treino de Técnicas, Táticas e Procedimentos tendo em conta o ambiente de insurgência onde vão operar. Tanto mais que a ANCOP é uma força de ordem pública, de reserva, mais “musculada” para poder fazer face a incidentes mais graves.

3) Que tipo de polícia seria a mais ajustada ao Afeganistão? Polícia Militar, Polícia Civil ou um modelo dual?

R: Penso que o mais adequado será o modelo dual. Porque, tem uma polícia com estatuto civil, podemos dizer mais próxima do cidadão e uma polícia com estatuto militar mais forte ao nível da preparação e do equipamento, estando preparada para agir em situações de maior gravidade ao nível da ordem pública, tendo em conta o ambiente de insurgência que se vive no Afeganistão.

4) Nesta missão a aposta foi mais na quantidade de polícias formados ou na qualidade da formação?

R: A aposta foi na quantidade em detrimento da qualidade. Mas eram decisões que não dependiam dos mentores, pois a seleção era feita em Cabul por Afegãos e Americanos. A preocupação era formar em quantidade em detrimento da qualidade, com o intuito de ocupar todo território Afegão com o maior número possível de postos de polícia. Entraram indivíduos para a ANCOP que não sabiam ler nem escrever, quando inicialmente estava previsto que o recrutamento de pessoal para a referida polícia deveria saber ler e escrever.

5) O facto dos instrutores da EGF e em particular da GNR serem militares, que vantagens e desvantagens trouxeram para a formação?

R: Em face da situação de instabilidade que se vive no país associado ao ambiente de insurgência, só há vantagens em termos dos instrutores pertencerem a forças policiais com estatuto militar, pois estão preparadas para estes Teatros de Operações, são forças de charneira entre as Forças Armadas e as Forças e Serviços de Segurança e a própria ANCOP é uma força de polícia do tipo das forças de *Gendarmerie* Europeias (GNR, *Guardia Civil*, *Gendarmerie Francesa*, etc), logo estando mais próximas ao nível dos procedimentos, das técnicas que utilizam para desempenhar as suas missões. Como se costuma dizer “*falam a mesma linguagem*”.

6) No seu ponto de vista, serão capazes os instrutores afegãos dar continuidade ao trabalho desenvolvido pela EGF?

R: Alguns deles serão capazes de dar continuidade ao trabalho desenvolvido pela EGF, pois são bons formadores, experientes, competentes técnica e taticamente.

Haverá outros que não possuem essa capacidade. O problema inicial residia na falta de meios e de materiais para a formação. Mas dados os meios é necessário mantê-los e aproveitá-los e terá de haver capacidade para a sua manutenção e substituição, caso contrário será um contributo para a formação diminuir de qualidade.

7) Que importância teve a mentoria?

A mentoria foi bastante importante e útil, pois apesar de já possuírem alguns instrutores de qualidade e com capacidade, trouxe-lhes outra visão para a formação dentro dos seus parâmetros sociais e culturais, ajudou-os a melhor organizar e planear os cursos e a tornar a instrução mais prática, mais atrativa, tanto mais que os alunos, na sua maioria, não sabiam ler nem escrever.

8) A história recente da Polícia Afegã está ligada ao crime e em particular à corrupção. Qual o papel dos formadores para inverter esta tendência?

R: O assunto da corrupção não era abordado de uma forma direta pelos mentores, pois estes não realizavam mentoria na formação de deontologia devido ao facto de ser também abordada a cultura e a religião no Afeganistão nessas aulas.

9) Em que medida a missão da EGF contribuiu para o profissionalismo da ANP e em particular da ANCOP?

R: As forças internacionais que estavam no NPTC (França, Portugal, República Checa e Roménia), todas forças de polícia do tipo *Gendarmerie* com estatuto militar, contribuíram com os seus conhecimentos, experiência e métodos de treino através da mentoria efetuada aos formadores Afegãos do NPTC, para melhorar o profissionalismo destes e consequentemente dos novos polícias formados para integrar a ANCOP, força similar às *Gendarmeries* Europeias.

10) Considera os polícias formados pela EGF, uma mais-valia para a segurança do Afeganistão?

R: Sim considero porque todo o apoio dado ao nível do planeamento e execução da formação através do nosso saber, experiência e conhecimento, traduz-se sempre em mais-valia que os instrutores Afegãos irão aplicar na formação que vão ministrar. Os instrutores Afegãos aceitavam com bom agrado todo o conhecimento, toda a

informação transmitidas pelos mentores internacionais. Uma sólida formação irá traduzir-se num bom desempenho dos futuros polícias no terreno, contribuindo assim para uma segurança mais eficaz. Mas esta mais-valia só poderá ser quantificada com a colocação dos alunos no terreno e após a avaliação do seu desempenho.

11) O que mudou na ANP e na segurança do país com a missão da EGF?

R: Na minha perceção mudou para melhor, no entanto é difícil quantificar essa mudança. Sentiu-se a mudança dos alunos durante a sua permanência nas dezoito semanas de curso. Quando saíam, notava-se outra postura, atitude e comportamento, o que consequentemente se irá refletir, quando estes polícias fossem colocados nos postos de polícia do dispositivo espalhado por todo o Afeganistão, no decorrer da atividade operacional diária no desempenho da missão atribuída à ANCO

Anexo C

Entrevista ao Tenente-Coronel Monteiro

1) Como se prepararam os militares da GNR para dar Formação à ANCOP?

R: Não nos preparámos para dar formação, mas sim para dar mentoria num contexto hostil. Há uma grande diferença entre instrução e mentoria.

Os militares prepararam-se com base num aprontamento de três meses. Este aprontamento teve uma componente militar, uma componente tática e uma componente pedagógica.

Relativamente ao aprontamento anterior foram valorizadas a componente tática e a pedagógica. Esta ultima foi incrementada especialmente, tendo sido feitas *Situation Training Exercices* (STX) que consistia na preparação dos mentores para situações que iam encontrar no terreno, como por exemplo: um formando que se desentende com o formador na presença de elementos da força internacional, um aluno que retira a arma a um mentor. A componente pedagógica foi da maior importância, uma vez que o dispositivo estava disperso pelas Unidades da Guarda e os instrutores tinham pouca experiência em formação.

O aspeto linguístico foi também acautelado, uma vez que as simulações eram em inglês com recurso a um interprete simulado.

Introduziu-se também a componente física e tecnológica. Através do treino e preparação física geral para a adaptação à altitude e através da componente tecnológica, os militares puderam utilizar ferramentas pedagógicas para auxiliar os instrutores afegãos, como por exemplo a utilização do *e- learning* e *power point*

2) Considera que a formação dada à ANCOP é a mais adequada a uma força que vai operar num ambiente de insurgência?

R: A formação que os alunos tiveram foi baseada no planeamento e programação dos planos de formação determinados pelas forças Internacionais da coligação e pelas

autoridades nacionais tendo em conta as competências da ANCOP e a sua utilização no contexto da sociedade afegã. Assim sendo não nos cabia averiguar se a formação era a mais adequada ou não, mas por em prática os programas de formação estabelecidos. Na minha opinião o programa era o suficientemente adequado.

3) Que tipo de polícia seria o mais ajustada ao Afeganistão? Polícia Militar, Polícia Civil ou um modelo dual?

R. No contexto do Afeganistão qualquer um dos sistemas teria aplicabilidade desde que contemplasse o grau de risco inerente à situação de insurgência e terrorismo. Num sistema onde é necessário um contacto próximo com as comunidades, atualmente efetuado pela *Afghan Local Police* (ALP) com a necessidade de corresponder às espetativas da criminalidade comum e do policiamento geral e específico efetuado transversalmente pela *Afghan National Police* (ANP), especificamente a *Afghan Border Police* (ABP) e pela *Special Police*, não descorando a componente do combate ao terrorismo e conflito armado, situações para as quais a ANCOP se encontra melhor preparada e na sua área de competências, julgo que o sistema atualmente existente é o mais adequado. Não se trata de um sistema dual mas de um sistema onde policiamento local e policiamento nacional, com as diferentes especificidades devem encontrar um equilíbrio de desempenho junto da sociedade civil

4) Nesta missão a aposta foi mais na quantidade de polícias formados ou na qualidade da formação?

R: Indubitavelmente a aposta da Guarda foi na qualidade da formação, nomeadamente através do desenvolvimento do Curso de Formação de Formadores e das ações de formação de membros do STAF e Estado Maior (EM) no desenvolvimento de um plano estratégico para a formação do NPTC.

Não obstante a aposta ter sido na qualidade, foram formados mais de 2500 alunos num espaço de sete meses, representando um acréscimo significativo no efetivo da ANP, mas em especial da ANCOP com o primeiro curso de oficiais da Polícia Afegã.

5) O facto dos instrutores da EGF e em particular da GNR serem militares, que vantagens e desvantagens trouxeram para a formação?

R: Vantagens foram muitas: Disciplina, grau de preparação para ambiente hostil, liderança, relacionamento interpessoal, linguagem e comunicação. Desvantagens não há nenhuma, uma vez que estamos num contexto de elevado nível de ameaça.

6) No seu ponto de vista, serão capazes os instrutores afegãos dar continuidade ao trabalho desenvolvido pela EGF?

R: Tenho a certeza que sim. Porque têm capacidade. Houve um Curso de Formação de Formadores com muita qualidade. Se o vão fazer ou não vai depender da liderança e do apoio a nível de segurança, porque este centro está muito bem apetrechado a nível de equipamento e instalações.

7) Que importância teve a mentoria?

A mentoria na minha opinião teve três aspetos fulcrais:

Primeiro, permitiu aos formadores terem ferramentas pedagógicas que lhe permitiam desenvolver atividades formativas com maior facilidade;

Segundo, permitiu a STAF e aos Órgãos de Comando e Direção do NPTC trabalhar no planeamento e programação das atividades de EM incluindo a formação que até ao momento não havia tido.

Terceiro, para as forças internacionais tem importância vital para que alguém que participe numa missão de cooperação internacional se sinta útil e motivado pelos resultados obtidos.

8) A história recente da Polícia Afegã está ligada ao crime e em particular à corrupção. Qual o papel dos formadores para inverter esta tendência?

R: O próprio plano de formação afegã contempla esta temática, atribuindo maior carga horária à componente deontológica e policial do que propriamente à componente de armamento e tiro.

9) Em que medida a missão da EGF contribuiu para o profissionalismo da ANP e em particular da ANCOP?

R: A EGF tal como sucede com as demais ações desenvolvidas no âmbito da ISAF para além de criar uma base sólida de conhecimento que permitiu a qualquer polícia afegão, desenvolver as suas atividades dentro dos padrões locais, permitiu em especial à ANCOP, pelas suas características próprias, e pelas suas competências ser a polícia melhor treinada e mais eficaz no contexto afegão.

10) Considera os polícias formados pela EGF, uma mais-valia para a segurança do Afeganistão?

R: Sem dúvida e a prová-lo está algumas das ações bem-sucedidas efetuadas no combate ao tráfico de droga e deteção de engenhos explosivos. A título de exemplo, um dos ataques talibãs em Cabul em Abril de 2011 contra vários quartéis da coligação foi resolvido pela ANCOP, sem intervenção direta das forças internacionais.

11) O que mudou na ANP e na segurança do país com a missão da EGF?

R: Mudaram as competências adquiridas, mudou a postura e a atitude dos polícias formados sob a tutela das forças internacionais. Mas um longo caminho há ainda a percorrer para que possam atingir standards compatíveis com as polícias suficientemente preparadas para defender os valores e os direitos fundamentais tais como a liberdade a justiça e a segurança.

Anexo D

Entrevista ao Tenente-Coronel Almeida

1) Como se prepararam os militares da GNR para dar Formação à ANCOP?

R: A seleção dos militares para as diversas funções (previamente negociadas em contexto CIAN) tinha em conta a especialização de cada um desses militares. Por exemplo, se era necessário um mentor para a área de manutenção em ordem pública, os militares para essa função pertenciam à Unidade de Intervenção. Para nomear um mentor para a área logística, onde operavam empilhadores, era nomeado um Guarda com conhecimentos de mecânica...

A todos foi ministrado um Aprontamento para adaptação às condições do Teatro.

2) Considera que a formação dada à ANCOP é a mais adequada a uma força que vai operar num ambiente de insurgência?

R: Não foi só dada formação à ANCOP (*Afghan Nacional Civil Order Police*). Foi também dada formação à ABP (*Afghan Border Police*), à ANP (*Afghan National Police*) e à AUP (*Afghan Uniform Police*).

A todas foi ministrada instrução que, estamos convictos, será fundamental para a atuação num ambiente típico de insurgência. Uma vez que a maior parte dos instruendos era iletrada (mais de 80%), as aulas de literacia, disciplina e juntar todas as etnias no mesmo centro de instrução dando instrução numa só língua (dhari), contribuiu decisivamente para melhorar o nível de conhecimento, tolerância e abertura de espírito necessários para que uma força de segurança possa começar a desenvolver.

3) Que tipo de polícia seria o mais ajustado ao Afeganistão? Polícia Militar, Polícia Civil ou um modelo dual?

R: O modelo mais ajustado é o modelo *gendârmico*, ou seja, uma polícia com cariz militar, caracterizada por um forte enquadramento e muito disciplinada, capaz de promover a segurança interna, combater as ameaças a essa mesma segurança, sabendo ao mesmo tempo comunicar com a população que serve para estar próxima dela.

4) Nesta missão a aposta foi mais na quantidade de polícias formados ou na qualidade da formação?

R: Não tínhamos poder de decisão relativamente à quantidade, nem havia tempos mortos pois havia muita instrução para dar. A qualidade foi sempre tida em conta, pois sabíamos que tudo o que fosse feito, para o bem e para o mal iria ter repercussões na vida dos formandos e na qualidade do serviço prestado pelas diferentes polícias ao povo Afegão.

5) O facto dos instrutores da EGF e em particular da GNR serem militares, que vantagens e desvantagens trouxeram para a formação?

R: As vantagens foram: a vontade incondicional de servir, o saber-fazer, o rigor e a disciplina, independentemente dos riscos associados àquele TO. A experiência e formação dos elementos do 3.º Contingente da Guarda, a forma aberta como se relacionavam quer com os alunos quer com todo o corpo de instrutores afegãos foram determinantes para a manutenção e fortalecimento dos laços anteriormente estabelecidos pelos contingentes que nos precederam. Não consigo encontrar alguma desvantagem pelo facto de sermos militares da Guarda.

6) No seu ponto de vista, serão capazes os instrutores afegãos dar continuidade ao trabalho desenvolvido pela EGF?

R: São capazes, pois têm instrutores com competência. Se os responsáveis tiverem a capacidade de fixar naquele centro os melhores oficiais e sargentos

que neste momento estão a ministrar formação, há a possibilidade de dar continuidade ao trabalho iniciado pela comunidade internacional. O problema é que estes instrutores se querem ir embora do NPTC, pois ninguém está próximo da família e mesmo os que estão mais próximos (é o caso dos que vivem em Cabul, a cerca de 80 km), arriscam a vida nos deslocamentos. O NPTC, apesar de construído junto ao maior eixo rodoviário do Afeganistão (a Highway 1), está isolado das povoações que o circundam, por razões de segurança. Tradutores, professores civis, instrutores e alunos chegam a passar dentro do centro alguns meses sem sair de lá.

Aos instrutores, se lhes forem dadas condições (a possibilidade de trazerem a família para junto deles, em segurança), nada impede que se venham a especializar nessas funções e com garantia de as desempenharem com muita qualidade.

7) Que importância teve a mentoria?

A mentoria teve um papel fundamental no que diz respeito à orientação das instruções. O papel dos mentores era orientar a instrução dada pelos instrutores afegãos, mostrando-lhes que coisas tão simples como o rigor no cumprimento de horários, por exemplo, tinha um retorno imediato na maneira como os instruendos aprendiam.

8) A história recente da Polícia Afegã está ligada ao crime e em particular à corrupção. Qual o papel dos formadores para inverter esta tendência?

R: Mostrando-lhes como se haviam de relacionar com a sociedade, que é a razão da existência da própria polícia. Ensinando-lhes que os fins do estado (segurança, progresso e bem-estar) só se podem atingir com uma polícia forte e isenta, pautando a sua atividade por um rigoroso cumprimento da lei e o respeito pelos cidadãos.

Como foram ministrados cursos de comandante de companhia e batalhão a tenentes, capitães, majores, tenentes-coronéis e coronéis, houve a oportunidade de transmitir a estes homens que o caminho a seguir tem que ser balizado pela

lei e blindado pela ética e a deontologia. Que terão que constituir como um exemplo e passar estes valores aos seus subordinados.

9) Em que medida a missão da EGF contribuiu para o profissionalismo da ANP e em particular da ANCOP?

R: Todas técnicas, táticas e procedimentos ministradas servem para padronizar comportamentos e evitar incertezas e interpretações na atuação quotidiana dos formandos, logo, a qualidade da atuação dos agentes é melhor.

No caso específico da ANCOP, tem de se referir a instrução diferenciada que foi ministrada, nomeadamente ao nível dos Cursos de Comandante de Companhia e de Comandante de Batalhão e Curso SWAT. Neste caso não se tratou de mentoria e a formação esteve a cargo dos instrutores dos vários países que pertenciam ao International Trainers Compound: Portugal, França, Roménia e República Checa. Devido à responsabilidade de comando e chefia de várias unidades com uma forte componente operacional, os oficiais (e também os polícias do Curso SWAT) que frequentaram estes cursos, ficaram melhor preparados no planeamento e condução das missões que frequentemente as suas unidades eram chamadas a executar.

10) Considera os polícias formados pela EGF, uma mais-valia para a segurança do Afeganistão?

R: São uma mais-valia porque se a segurança e o sentimento de segurança não for reforçado através da sua ação, o poder político não terá capacidade de proporcionar as restantes condições necessárias a um desenvolvimento sustentado. Se estamos a contribuir para o desenvolvimento da polícia estamos a criar condições para o Afeganistão prosperar e se tornar mais seguro.

11) O que mudou na ANP e na segurança do país com a missão da EGF?

As mudanças não podem ser quantificadas no imediato, até porque o Afeganistão é muito grande e os polícias ali formados vão integrar unidades por todo o país. No entanto, deve referir-se que o maior Centro Nacional de Treino da Polícia Afegã (NPTC) é exemplar nas condições que proporciona na

formação dos alunos dos vários cursos ali ministrados. Nem Portugal, nem muitos países se podem orgulhar de ter um centro de formação de polícia novo e com capacidade para formar em simultâneo mais de 3.000 alunos.

Anexo E

Entrevista ao Major Quadrado

1) Como se prepararam os militares da GNR para dar Formação à ANCOP?

R: Tal como para outras missões, fazendo o aprontamento. Os aprontamentos mudam com a Missão Internacional que efetuamos, sendo esta uma missão de mentoria. Para além de Técnica Individual de Combate, Armamento, Condução Todo Terreno e primeiros Socorros em Ambiente Tético, tivemos formação em matérias adequadas á instrução. Mas mentoria era assistir às instruções dos instrutores afegãos, no final das instruções dar *feedbacks* aos instrutores, dizendo o que correu bem e o que correu mal.

2) Considera que a formação dada à ANCOP é a mais adequada a uma força que vai operar num ambiente de insurgência?

R: dentro do possível é a mais adequada, tendo em conta o nível dos instrutores dos instruendos. Poderia ser mais alargada, melhor organizada e mais profissional.

3) Que tipo de polícia seria o mais ajustado ao Afeganistão? Polícia Militar, Polícia Civil ou um modelo dual?

R: neste momento, pelo ambiente, o mais adequado é a uma Polícia Militar. O problema é que não há diferença entre uma Polícia Militar e Exército. Pelo menos durante mais alguns anos o mais adequado é Polícia Militar.

4) Nesta missão a aposta foi mais na quantidade de polícias formados ou na qualidade da formação?

R: Apostava-se muito no número de polícias formados, sendo uma má opção. Todos os meses tínhamos que apresentar um relatório ao comando com o número de polícias formados. Naquele país é necessário um grande número de polícias para patrulhar.

A título de exemplo num curso de SWTAT, não foi possível eliminar mais cinco ou seis elementos, que deveriam ter chumbado.

5) O facto dos instrutores da EGF e em particular da GNR serem militares, que vantagens e desvantagens trouxeram para a formação?

R: Desvantagens nenhuma. Vantagens: como estávamos em ambiente militar todos partilham a mesma linguagem. Por estarmos enquadrados no Exército Português, para nós foi fácil o enquadramento porque todos falávamos a mesma linguagem.

6) No seu ponto de vista, serão capazes os instrutores afegãos dar continuidade ao trabalho desenvolvido pela EGF?

R: São capazes mas a qualidade da formação é duvidosa. Sobretudo em termos de organização. Porque eles têm o *Know How* mas na parte da organização são muito problemáticos. Sobretudo na organização das turmas, manuais, instrutores e salas de aulas. Antes de chegarmos eles demoravam uma semana a entregar botas e fardas e saberem onde eram as salas, após a nossa chegada, num dia tinham o fardamento completo, sabiam em que sala iam ter aulas e com que instrutor e estavam prontos os horários num cento com 2 000 alunos e 150 instrutores, não é fácil de gerir.

7) Que importância teve a mentoria?

R: A mentoria é muito importante:

1º Quando é bem feita

2º Os instrutores afegãos aceitam ser mentorados e aceitam as críticas

3º Ultimamente interpretavam a crítica como um atestado de incompetências. Só funciona se houver boa vontade das duas partes, mentores e mentorados.

8) A história recente da Polícia Afegã está ligada ao crime e em particular à corrupção. Qual o papel dos formadores para inverter esta tendência?

R: Tentávamos dentro do possível desviar o pessoal desse caminho. Sabíamos que 10 a 15 por cento pertenciam a grupos terroristas (*síndrome green on blue*) e semanalmente havia ataques no Afeganistão devido a este facto

9) Em que medida a missão da EGF contribuiu para o profissionalismo da ANP e em particular da ANCOP?

R: Dentro do possível tentámos transformar o pessoal o mais profissional possível. Houve situações em que os alunos estavam nas salas de aulas sem instrutor porque estes estavam nos quartos a dormir nas horas em deveriam estar a dar aulas. Invertemos esta situação fazendo horários para os instrutores e instruendos. Não havia até então quaisquer horários. Após a elaboração dos horários tratámos de nos certificar que todos cumpriam.

10) Considera os polícias formados pela EGF, uma mais valia para a segurança do Afeganistão?

R: Acredito que sim. Saí de lá com o sentimento de dever cumprido. Como instrutor SWAT, tentei transmitir o maior número de conhecimentos possível para que no fim do curso fossem o mais proficientes e profissionais possível.

11) O que mudou na ANP e na segurança do país com a missão da EGF?

R: Mudou no NPTC a capacidade de organização. O objetivo era receber 3 000 alunos e 200 instrutores e quando chegamos, com 800 alunos e 100 instrutores havia muita desorganização. Deixamos os alicerces e a organização pretendida para que quando o Centro tivesse 3 000 alunos, funcionasse perfeitamente.

Anexo F

Entrevista ao Tenente Coronel Crasto

1) Como se prepararam os militares da GNR para dar Formação à ANCOP?

R: A preparação dos contingentes da GNR para a missão do Afeganistão não foi para dar formação. Preparamo-nos para dar *mentoring* e *advising*. Só pontualmente foi dada formação.

A preparação foi feita através de um apontamento na Unidade de Intervenção (UI) e entre outras tivemos instrução em segurança individual, técnicas e procedimentos, *Improvised Explosive Devices*, e métodos de instrução no âmbito do *mentoring*. Nesta área foi feita abordagem em termos conceptuais e seguidamente foram simuladas aulas com plateia, com o instrutor e o mentor com a finalidade de ver a reação do mentor. Resumidamente havia uma parte conceptual e outra dinâmica.

2) Considera que a formação dada à ANCOP é a mais adequada a uma força que vai operar num ambiente de insurgência?

R: é difícil concluir se é a mais adequada. A presença da GNR com a sua experiência, forma de atuar, conhecimento e a nossa posição em termos militares, creio que foi a mais adequada à ANCOP. São uma mais valia os conhecimentos que a EGF e a GNR passaram à ANCOP.

A transmissão de conhecimentos adaptados à realidade de insurgência, e às características do Afeganistão, permitiu que os elementos da ANCOP ficassem mais preparados.

3) Que tipo de polícia seria o mais ajustada ao Afeganistão? Polícia Militar, Polícia Civil ou um modelo dual?

R: Considero que no Afeganistão mais que em qualquer lado, o modelo dual é o que mais se justifica. Porque a existência de uma polícia do género da Guarda, com capacidade de atuação em situações de pós conflito, aproximado das operações militares, com estatuto militar, é fundamental para poder reagir em situações de

insurgência, e.g. ataques terroristas com grandes dimensões, em variados sentidos e.g. número de vítimas, pânico e outros danos. Mesmo para fazer proteção a Altas Entidades (AE), planejar operações e.g. buscas e rusgas, uma força policial do tipo da Guarda é a mais adequada.

Considero importante ter também uma polícia de natureza civil, de proximidade. Tem que haver uma ligação e uma proximidade entre a Polícia Nacional e as populações, pois estas são uma excelente fonte de informação para a polícia e para o poder.

4) Nesta missão a aposta foi mais na quantidade de polícias formados ou na qualidade da formação?

R: A aposta foi na quantidade, mas sem descorar a qualidade. Havia a necessidade de cumprir as *Taskil* que são metas, objetivos e compromissos assumidos entre as autoridades afegãs e a comunidade internacional. Não havia interferência no número de polícias a formar, interferíamos apenas na qualidade, garantido que os instrutores davam as aulas de acordo com o programa desenhado pelo Ministério do Interior Afegão (MoI).

5) O facto dos instrutores da EGF e em particular da GNR serem militares, que vantagens e desvantagens trouxeram para a formação?

R: Nós só demos formação propriamente dita ao curso de SWAT e ao Batalhão de Segurança.

Eu penso que só tem vantagens em sermos militares. Desvantagens, não vejo nenhuma. Pois conseguimos formar polícias capazes de atuar nos dois sentidos, contacto com as populações e capacidade de atuação em situações de maior gravidade. A nossa presença só trouxe vantagens, pois transmitimos ambivalência de atuação

6) No seu ponto de vista, serão capazes os instrutores afegãos dar continuidade ao trabalho desenvolvido pela EGF?

R: queremos acreditar que sim, senão estaríamos a desperdiçar o trabalho desenvolvido e a presença no NPTC. Estou convencido que com a presença diária

dos contingentes da GNR, que tinham uma grande interação com os intrutores afegãos, os princípios de atuação e todos os ensinamentos passaram para eles e os tornou diferentes. A semente ficou lá, muita coisa foi assimilada pelos instrutores e eira passar para os instruendos. Quero acreditar que vão cumprir horários, os planos de instrução e preparar a instrução.

7) Que importância teve a mentoria?

A mentoria foi estar junto deles, fazê-los sentir que têm que fazer as coisas diferentes para melhor. Quando estavam a proceder mal, o papel dos mentores era mostrar que estavam errados, e que de uma outra forma, os resultados seriam melhores.

Com o aproximar do final, por decisão da NTM-A, a missão de mentoring evoluiu para *advising*, de forma a prepará-los para ficarem sozinhos. Era uma presença mais esporádica no sentido de aferir se estavam a cumprir ou tinham alguma necessidade de aconselhamento.

8) A história recente da Polícia Afegã está ligada ao crime e em particular à corrupção. Qual o papel dos formadores para inverter esta tendência?

R: o nosso papel para inverter esta tendência terá sido os ensinamentos que conseguimos transmitir, interação, presença, transmissão de ensinamentos e de valores. Esta partilha, é espetável que tenha encontrado terreno fértil nos instrutores e que estes a transmitam aos subordinados.

9) Em que medida a missão da EGF contribuiu para o profissionalismo da ANP e em particular da ANCOP?

R: No sentido da partilha de conhecimento que as forças da EGF possuem, ao estarmos diretamente com eles, ao darmos mentoria e *advising*, e através de uma correta pedagogia contribuímos para o profissionalismo da Polícia Afegã. Se não desperdiçarem todos estes conhecimentos, vão ficar muito melhor preparados.

10) Considera os polícias formados pela EGF, uma mais valia para a segurança do Afeganistão?

R: Sim, mas o nosso trabalho era mentorar os instrutores. Diretamente não ensinámos nada, à exceção do curso de SWAT e curso de Batalhão de Segurança

11) O que mudou na ANP e na segurança do país com a missão da EGF?

R: A mais-valia para a segurança do Afeganistão é o conhecimento, as práticas, os procedimentos a forma de planear e atuar, a meu ver contribuímos de alguma forma para a segurança do Afeganistão.

Anexo G

Representação da EGF no Afeganistão

Figura n.º 1: Representação da EGF no Afeganistão



Fonte : GNR- DPERI